

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**O ESPAÇO COTIDIANO DOS AGREGADOS SOCIAIS DA PRAÇA DA  
ALFÂNDEGA EM PORTO ALEGRE-RS**

**LUCIANO FERNANDES PEDROSO**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ÁLVARO LUIZ HEIDRICH**

**PORTO ALEGRE, MAIO DE 2007.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**O ESPAÇO COTIDIANO DOS AGREGADOS SOCIAIS DA PRAÇA DA  
ALFÂNDEGA EM PORTO ALEGRE-RS**

**LUCIANO FERNANDES PEDROSO**

**Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich**

**Banca Examinadora:**

**Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus (PosGea/IG/UERJ)  
Prof. Dr. Nelson Rego (PosGea/IG/UFRGS)  
Profa. Dra. Rosa Maria Vieira Medeiros (PosGea/IG/UFRGS)**

**Dissertação de Mestrado apresentada  
no Programa de Pós-Graduação em  
Geografia como requisito para  
obtenção do Título de Mestre em  
Geografia**

**PORTO ALEGRE, MAIO DE 2007.**

Pedroso, Luciano Fernandes

O Espaço cotidiano dos agregados da praça da Alfândega em Porto Alegre-RS / Luciano Fernandes Pedroso - Porto Alegre : UFRGS/PPGEA, 2007.

[134 f.] il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2007.

1. Geografia Urbana. 2. Cotidiano. 3. Agregado Social. 4. Espaço Urbano. 5. Identidade. I. Título.

CDU 911.375(816.5)

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Geociências - UFRGS  
Renata Cristina Grun CRB10/1113

*Para minha querida esposa Carla.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço especialmente ao Professor Álvaro Luiz Heidrich pela valorosa orientação deste trabalho.*

*Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

*Aos meus pais pela contribuição dada ao longo da minha vida acadêmica.*

*Ao meu grande amigo Andrio Barbosa pelo apoio fotográfico.*

*Ao Márcio Sita pela revisão e tradução.*

*E a todos que de alguma maneira contribuíram com este trabalho.*

*“Cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.”*

CALVINO, Italo, 2001, p.34.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar o cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega localizada no centro da cidade de Porto Alegre no Rio Grande Sul. Foram investigados a partir deste espaço os aspectos relacionais, identitários, as expressões subjetivas e estéticas, as *fronteiras de convivências* assim como as territorializações empreendidas pelos indivíduos que compõem estes agregados sociais no espaço da Praça da Alfândega. Além disso, esta dissertação tem como intuito discutir as questões pertinentes sobre a função do espaço público, cidadania e dos aspectos sobre as formas de sociabilidade e de insociabilidade nas metrópoles contemporâneas. Pode se dizer que a Praça da Alfândega, nesse mosaico de representações sociais, territórios justapostos e signos compreendem um importante lócus de análise do espaço urbano, motivo pelo fato que ela se apresenta para as formas sociais, denominado de agregados sociais um espaço dicotômico da sobrevivência material e da convivência social. Por esse motivo, o estudo do cotidiano dos agregados sociais presentes no espaço da Praça da Alfândega constituem também uma investigação sobre os fenômenos urbanos contemporâneos e suas múltiplas e emergentes práticas sociais se apresentam nos estilos de vida, das formas simbólicas e nos usos dos espaços nas grandes metrópoles.

**Palavras-chaves:** Cotidiano - agregado social - espaço urbano -  
Identidade

## **ABSTRACT**

This paper aims to study the social aggregations' every day life from Praça da Alfândega, located in the center of Porto Alegre city in Rio Grande Sul. The aspects of relationship and identity, the subjective and esthetic expressions, the borders of acquaintance as well as the territories settled by people who compounded these social groups in the space of Praça da Alfândega were investigated. Besides, this paper also aims to discuss relevant questions about the function of public space, citizenship and aspects about the forms of sociability and unsociability in modern metropolis. It is possible to affirm that Praça da Alfândega, on this mosaic of social representation adjacent territories and symbols form an important locus of analysis about urban space. For this reason, it becomes a dichotomic space both of material survival and of social acquaintance for the social forms, called social aggregations. Because of this reason, the study of the social aggregations' every day life settled in Praça da Alfândega constitutes also an investigation about recent urban phenomena and their several and emergent social practices according to ways of life, symbolical forms, and settlement in big cities.

**Key words:** every day life - social aggregation - urban space - Identity

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01:</b> Calçadão da Rua dos Andradas frente a Praça da Alfândega- Porto Alegre/RS: “ <i>O caminhar na cidade</i> ” .....	14
<b>FIGURA 02:</b> Montagem da Feira do Livro: “ <i>O espaço e o ócio.</i> ”.....	26
<b>FIGURA 03:</b> Praça da Alfândega: “ <i>Um espaço público</i> ”.....	37
<b>FIGURA 04:</b> Praça da Alfândega: “ <i>Espaço e cotidiano</i> ”.....	42
<b>FIGURA 05:</b> Trapiche da Guardamonia em 1892.....	58
<b>FIGURA 06:</b> Praça da Alfândega em 1910 .....	60
<b>FIGURA 07:</b> Praça da Alfândega em 1920.....	61
<b>FIGURA 08:</b> Praça da Alfândega em 1925.....	62
<b>FIGURA 09:</b> Praça da Alfândega nos anos 40.....	65
<b>FIGURA 10:</b> Feira do Livro de Porto Alegre: Vista de uma parte das alas externas.....	69

<b>FIGURA 11:</b> Feira do Livro de Porto Alegre: Ala coberta com editores de outros países.....	69
<b>FIGURA 12:</b> Memorial do Rio Grande do Sul.....	71
<b>FIGURA 13:</b> Santander Cultural.....	71
<b>FIGURA 14:</b> Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.....	72
<b>FIGURA 15:</b> Teatro de rua a Saga de Canudos apresentado na Praça da Alfândega pelo grupo teatral Ói Nós Aqui Traveiz .....	72
<b>FIGURA16:</b> Teatro de rua a Saga de Canudos apresentado na Praça da Alfândega pelo grupo teatral Ói Nós Aqui Traveiz.....	72
<b>FIGURA 17:</b> Escavações no terreno da Praça da Alfândega: “ <i>Em busca do passado.</i> ”.....	76
<b>FIGURA 18:</b> Parte das escadarias do antigo cais: “ <i>Em busca do passado.</i> ”.....	77
<b>FIGURA 19:</b> Idosos conversando em um dos bancos da Praça da Alfândega: A praça como um espaço do estar-junto à toa.....	84
<b>FIGURA 20:</b> Jogadores de dama na praça da Alfândega.....	89
<b>FIGURA 21:</b> Jogadores de dominó na Praça da Alfândega.....	90
<b>FIGURA 22:</b> Artista de rua .....	94
<b>FIGURA 23 :</b> Vendedor Ambulante.....	95
<b>FIGURA 24:</b> Artista de rua.....	95
<b>FIGURA 25:</b> Engraxate da Praça da Alfândega.....	99

<b>FIGURA 26:</b> Antigo engraxate da Praça da Alfândega em seu breve horário de lanche : <i>“Entre um sapato e outro”</i> .....	101
<b>FIGURA 27:</b> Prostituição na Praça da Alfândega: <i>“Mulheres na praça”</i> .....	113
<b>FIGURA 28:</b> Espaço da prostituição.....	114

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 01</b> : Agregados sociais: Vínculos Afetivos e Espaciais -Idosos e Jogadores.....	92
<b>TABELA 02:</b> Agregados sociais: Vínculos Afetivos e Espaciais - Artesãos, Artistas de Rua e Vendedores Ambulantes .....	98
<b>TABELA 03</b> : Agregado social: Vínculos Afetivos e Espaciais - Engraxates .....	105
<b>TABELA 04:</b> Agregados sociais: Vínculos Afetivos e Espaciais - Prostitutas .....	111

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 01:</b> A relação com o outro baseado em Edgar Morin .....	33
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. SOBRE O TEMA DA PESQUISA</b> .....	19
1.1 Abordagens conceituais .....	20
1.1.1 A produção do espaço urbano .....	21
1.1.2 Territorialidade .....	23
1.1.3 Agregados sociais .....	26
1.1.4 Identidades .....	31
1.1.5 Espaço público e cidadania .....	36
1.1.6 Cotidiano .....	39
<b>2. A BUSCA POR UMA METODOLOGIA</b> .....	43
2.1 A fotografia: A textualização da imagem na percepção do espaço vivido .....	48
2.2 A entrevista social: A fala do outro na perspectiva das práticas sociais.....	50
2.3 A observação: Um olhar sobre o cotidiano na Praça da Alfândega.....	53
<b>3. A PRAÇA DA ALFÂNDEGA</b> .....	56
3.1 Praça da Alfândega: Seus nomes e sua história .....	56

3.2 Praça da Alfândega e sua vida social no início do século XX .....	63
3.3 Praça da Alfândega: Por que estudar esse espaço? .....	72
3.4 A Praça da Alfândega: Em busca do passado .....	76
<b>4. A PRAÇA DA ALFÂNDEGA: O COTIDIANO DOS AGREGADOS SOCIAIS .....</b>	<b>79</b>
4.1 Os agregados sociais da Praça da Alfândega .....	79
4.2 O cotidiano da Praça da Alfândega: O espaço da convivência e da diferença.....	82
4.3 O cotidiano da Praça da Alfândega: O espaço da sobrevivência material.....	92
4.3.1 Os engraxates da Praça da Alfândega.....	99
4.3.2 As prostitutas da Praça da Alfândega .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>120</b>
<b>LISTA DE ANEXOS .....</b>	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

*“A noite em breve cobriu com uma larga pincelada de azul as últimas cores do sol que havia no céu e na cidade. As fachadas dos cinemas iluminaram-se, e a vida naquela praça continuou, como se nada tivesse acontecido”.*

VERISSIMO, Erico ,1978, p. 8-9.

A gênese da Praça da Alfândega acompanha a própria história da cidade de Porto Alegre. Este espaço chamado originariamente de Largo da Quitanda, Praça do Comércio, Praça da Alfândega , Praça Senador Florêncio, e voltou a se chamar Praça da Alfândega.



**Figura 01:** Calçadão da Rua dos Andradas frente a Praça da Alfândega - Porto Alegre/ RS : *“O caminhar na cidade”.*

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

Esta praça esteve conectado ao longo do tempo com a vida econômica, política e social de Porto Alegre.

O interesse no estudo deste espaço na atualidade converge em uma investigação das formas sociais, que foram denominadas no trabalho de agregados sociais, que se encontram presentes nesta praça.

Pode-se dizer que agregados que *coabitam* este mesmo espaço diariamente e ali estabelecem uma série de práticas que resultam neste complexo ambiente social.

Com base nessa heterogeneidade, na fragmentação e descontinuidades das práticas estabelecidas pelos agregados sociais na Praça da Alfândega, esta pesquisa teve como objetivo estudar o cotidiano desses agregados a partir das territorializações, dos usos do espaço e do caráter simbólico e identitários empreendidos pelos mesmos, ou seja, analisar as práticas sociais proeminentes estabelecidas por esses indivíduos em relação ao espaço da Praça da Alfândega.

Além disso analisa-se as "fronteiras" de convivências e os processos relacionais, as expressões subjetivas estéticas e identitárias conformados por estes agregados sociais que usufruem deste local público para diversos fins e que resultam na produção desse espaço.

Os agregados sociais elencados para essa investigação tiveram como critério o que foi chamado para efeito desta pesquisa de *visibilidade social*, ou seja, efetuarem suas práticas sociais conformadas claramente e

facilmente observáveis no cotidiano da praça dentro de um recorte temporal escolhido.

Portanto destacou-se como prioridade os seguintes agregados sociais: engraxates, as prostitutas, os idosos, os artesãos, os jogadores de dama e dominó e os vendedores ambulantes. Muito embora saiba da coexistência de outros agregados, mas os mesmos foram considerados de acordo com o critério adotado de práticas sociais *não-visíveis*, assim como a atividade da prostituição masculina, os punquistas ou batedores de carteiras, os jogos de contravenção (apostas à dinheiro e jogo do bicho) e o tráfico de drogas.

A dissertação está dividida em quatro capítulos onde procurou-se destacar os aspectos metodológicos, teóricos, históricos e investigatórios acerca do tema da pesquisa.

Assim sendo, o primeiro capítulo dessa dissertação aborda algumas considerações sobre o do tema da pesquisa assim como o problema investigado e a delimitação espaço-temporal do tema da pesquisa e os referenciais teóricos. Além disso, procurou nesse capítulo dar ênfase às abordagens conceituais utilizadas que compreenderam a linha investigatória do trabalho.

O segundo capítulo tem como intuito uma explicação da metodologia empregada na pesquisa, assim como os procedimentos que são inerentes à busca dos objetivos propostos nessa investigação.

Procurou-se nesse capítulo uma discussão sobre a importância e a validade do método científico adequado para esta pesquisa social.

O capítulo três tem com intuito a busca de uma breve história da Praça da Alfândega ao longo do tempo, a fim de contextualizar esse espaço estudado desde seus primórdios até chegar aos dias de hoje, que justamente, é o período que a pesquisa tem a preocupação. Para isso trouxe à discussão alguns autores que escreveram sobre a Porto Alegre antiga, reportagens jornalísticas e fotografias da época.

O quarto capítulo apresenta as constatações do estudo do cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega como resultado da pesquisa social. Nesse capítulo dá-se ênfase aos aspectos intrínsecos às práticas sociais estabelecidas pelos agregados sociais escolhidos para essa investigação e que denotam na conformação deste espaço.

Assim sendo o estudo do cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega consiste, além de tudo, de um estudo das transformações do espaço urbano contemporâneo.

Isto ocorre, em virtude de ser, a Praça da Alfândega, um lugar onde se observa em seu cotidiano múltiplas formas de produção e apropriação desse espaço marcado basicamente pelo o aspecto relacional inerentes às maneiras diferenciadas de sociabilização empreendidas pelos indivíduos que estão presentes diariamente nesta praça.

E a partir disto pode-se também trazer à *tona* da discussão questões intrínsecas das grandes metrópoles como os aspectos ligados ao gênero, ao exercício da cidadania e a função do espaço público na atualidade.

## **1. SOBRE O TEMA DA PESQUISA**

Para a constituição desta investigação foi necessário definir alguns aspectos intrínsecos para o desenvolvimento da mesma. Ou seja foi necessário definir os referenciais conceituais e teóricos que irão compor a linha investigativa que o problema da pesquisa determina. Além disso, é necessária a busca de uma metodologia mais conveniente para esse intento, ou seja, que possa melhor verificar os objetivos propostos nesta pesquisa social.

Portanto torna-se relevante trazer no contexto dessa dissertação um estudo sobre as principais abordagens conceituais com o intuito de esclarecer a linha investigativa optada e para dar conta de toda a

complexidade que o estudo do cotidiano de uma praça: A Praça da Alfândega <sup>1</sup> - inserida no contexto de uma grande cidade exige.

### **1.1 Abordagens conceituais**

Para o estudo do cotidiano da Praça da Alfândega e dos agregados sociais que compreendem este espaço torna-se imprescindível utilizar uma série de conceitos que irão compor a análise desta investigação. Esta base conceitual torna-se de fundamental importância na compreensão do espaço da Praça da Alfândega em sua complexidade.

Esta complexidade envolve uma série de processos que convergem em um espaço marcado por práticas sociais que denotam na produção deste espaço.

Portanto, convém trazer à tona esses principais conceitos e assim como os respectivos referenciais teóricos que guiaram esta investigação.

---

<sup>1</sup> O mapa com a localização da Praça da Alfândega no centro de Porto Alegre encontra-se no anexo nº 01 desta dissertação.

### 1.1.1 A produção do espaço urbano

Na constituição desta dissertação utilizou-se o conceito de produção do espaço urbano. Este assunto é abordado por diferentes autores com inúmeros enfoques. Portanto escolheu-se para esta investigação os autores que são mais pertinentes para a proposta desse estudo.

Assim sendo, quando se diz respeito à questão da produção do espaço urbano levaram-se em conta as contribuições basicamente de autores como Paulo César Gomes, David Harvey e Milton Santos que adicionam apropriadamente na produção do espaço urbano, além do viés econômico, mas também elementos como cultura, identidade, símbolos e o cotidiano.

Paulo César Gomes (2002, p.66) afirma que o espaço é resultado das inúmeras “diferenciações internas” observáveis organizada a partir de vários elementos como “a etnia, sexo, idade, função ou qualquer outro elemento”. Ainda conforme Gomes (2002, p. 124-125) a cidade é o “palco” de inúmeros comportamentos relacionais conformadas por meio de “trocas diárias” no cotidiano das metrópoles. Então o espaço urbano é produzido por meio dessa multiplicidade de significados e polifonias, ou seja, “a cidade é uma máquina de transformar matéria em símbolos”

Em relação à produção do espaço urbano Santos (1997, p.69-72) afirma que para um apropriado estudo da cidade requer um estudo de vários aspectos das realidades observáveis nesse espaço. Isso está fundamentado no que o autor chama de “história da cidade” marcada pela dicotomia de ser o espaço da cidade ao mesmo tempo uma região e um lugar. Por isso a necessidade desse estudo da totalidade marcada principalmente pelos aspectos da vida social da cidade, ou seja a sociabilidade.

Nessa mesma linha David Harvey (2003, p.194) ressalta que “as práticas materiais de que os nossos conceitos de espaço e de tempo advêm, são tão variadas quanto a gama de experiências individuais e coletivas”. Então reafirma a importância da investigação do espaço social pelas diferentes práticas sociais que nele se inscrevem.

Portanto para o estudo do cotidiano da Praça da Alfândega tornou-se necessário à apreensão desse conceito pois é somente a partir das práticas sociais interpostas pelos agregados sociais no cotidiano dessa praça é que se podem perceber as particularidades inerentes a este espaço público que se escolheu para o presente estudo.

### 1.1.2 Territorialidade

A territorialidade é um conceito muito importante para a Geografia. Assim sendo, vários autores o definiram e relevaram nas suas diferentes abordagens ao longo da evolução do pensamento geográfico. Convém lembrar que o conceito de territorialidade provém do conceito de território que conforme Haesbaert (2002, p.121) a mesma “é o produto de uma relação desigual de forças envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados”.

A partir desta análise pode-se denotar que as territorialidades são formadas por múltiplas escalas que podem variar das questões espaciais (local-global) e/ou até as questões de poder, simbólica, identitárias, relacionais entre outras. Sendo esses aspectos concomitantemente observáveis no estudo do cotidiano.

Convém, analisar, também os significados inerentes, especificamente às denominadas territorialidades urbanas, que Heleniza Ávila Campos (2002, p.36) ressalta em seu artigo sobre as áreas centrais da cidade Recife:

“Territorialidade urbana é aqui entendida como conjunto de ações, comportamentos de indivíduos ou grupos que tendem a afetar, influenciar ou controlar

pessoas, fenômenos e relações; atividades que estabelecem territórios, tendo como elementos fundamentais às representações sociais (visões de mundo dos diferentes agentes sociais, atribuições de significados e interpretações da realidade) e as práticas espaciais (ações espacialmente localizadas, materialização cotidiana da identificação dos grupos com o espaço às ações do planejamento)".<sup>2</sup>

No caso específico da Praça da Alfândega cabe ressaltar, que essas territorialidades urbanas são modificadas e alternadas ao longo do dia e são significativamente alteradas pelo contexto histórico às quais são estabelecidas.

Nesse mesmo argumento deve-se mencionar que a territorialidade é formada por laços de afinidades com o espaço e/ou indivíduos que se apropriam dele e sendo assim, o conceito de territorialidade está imbuído de outros aspectos como, por exemplo, a identidade e os processos relacionais (sujeito-sujeito / sujeito – espaço) que serão abordados no decorrer da dissertação.

A partir disso pode-se afirmar que o conceito de territorialidade compreende uma série de outros conceitos, no qual Costa (2002, p.69) afirma que “as territorializações são como resultados das redes de relações de agentes sociais, nós territoriais que se constroem devido

---

<sup>2</sup> Heleniza Campos nesta citação remete-se ao conceito de territorialidade proposto por Robert Sacks (1986).

algum processo relacional identificatório pela identidade diversificada e mutante”.

Numa outra análise percebe-se as territorialidades urbanas , são também marcadas pela presença das relações de poderes que se estabelecem pelos indivíduos ou grupos que se apropriam de parcela do espaço, tornando-o marcado pela identificação, pela tolerância ou pelo estranhamento, conferindo a este espaço uma complexidade relacional.

Cabe afirmar que este estranhamento ou tolerância é definido por processos identificatórios que denotam as territorialidades, nos quais a lógica da *atração* ou da *repulsão* é assinalada pela escolha é o que Michel Maffesoli (1987, p.121) chama de “*socialidade eletiva*.”

Assim sendo o conceito de territorialidade abarca uma série de outras problemáticas que compõem a análise dos agregados sociais que convivem no espaço público da Praça da Alfândega.

Portanto estes agregados sociais constituem em conjunto uma conformação da dinâmica sócio–espacial presente neste importante espaço da cidade de Porto Alegre.

### 1.1.3. Agregados Sociais



**Figura 02:** Montagem da Feira do Livro: “O espaço e o ócio.” - Nesta foto a maioria das pessoas estão desempregadas e observam a montagem da Feira do Livro de Porto Alegre que ocorre anualmente na Praça da Alfândega.

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

Na constituição da pesquisa este conceito trouxe uma série de indagações no sentido de como definir os indivíduos que convivem no espaço público da Praça da Alfândega? Por que não chamá-los de grupos sociais? Ou por que chamá-los de agregados sociais?

A partir desta discussão o conceito que mais representava a realidade verificada neste espaço foi o de agregado social onde Pêrsio Santos de Oliveira (2005, p.67) o define como a “reunião de pessoas com fraco sentimento grupal e *frouxamentes* aglomeradas. Mesmo assim, conseguem manter entre si um mínimo de comunicação e de relações sociais , sendo as pessoas que dele participam relativamente anônimas”.

Como pode se perceber na figura 02, os desempregados que observam a montagem da Feira do Livro de Porto Alegre configura um bom exemplo de agregado social, onde certas particularidades, como o fato do desemprego e de estarem ocupando o mesmo espaço público em um momento de ócio ou de simplesmente *estar-junto à toa*. E ao mesmo tempo apresentam-se em um certo anonimato e elucidando assim o conceito de agregado social, a qual este trabalho se propõe a analisar.

Maffesoli (2005, p.81) traz um outro conceito, o de *grupos efêmeros*, que de uma certa forma concatena com o a referência de agregados sociais, onde o autor evidencia que atualmente prevalece o “tempo do desengajamento o tempo dos instantes sucessivos, de sinceridades sucessivas”, os momentos são organizados de forma que os “*grupos*” se organizam “sem a obsessão da continuidade” ou da “perspectiva extensiva” mas no entanto preocupados com a qualidade da participação , o que o autor chama de “perspectiva intensiva.”

Essa manifestação proposta por Maffesoli condiz na análise do cotidiano da Praça da Alfândega onde se percebe que o sentimento de

vínculo que confere ao indivíduo uma condição de pertencimento a uma estrutura social está cada vez mais contraditório e fragmentado, o que Giddens citado em Hall (1998, p. 15) chama de “*desalojamento do sistema social*”<sup>3</sup>.

Bauman (2004, p.7) chama a sociedade atual de “*modernidade líquida*” onde se percebe “a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos”.

Neste sentido no contexto da pesquisa o conceito que mais se enquadra com a conformação social da Praça da Alfândega, é o de agregado social, ao modo que se percebe claramente neste espaço as territorializações marcadas por este *fraco sentimento grupal* que contradiz a definição de grupo que de acordo com Pêrsio Santos de Oliveira (2005, p.64-65) seria “um conjunto de pessoas que entram em interação, mas, além disso, grupo é, fundamentalmente, uma sociabilidade estabelecida.”

Para este mesmo autor um grupo social possui características específicas como por exemplo: normas, hábitos, costumes próprios, divisão de funções e posição social definida. Portanto difere significativamente do sentido expresso pelo conceito de agregado social.

---

<sup>3</sup> Freud (1974, p.76) já concebia esta idéia quando mencionava a questão do “desengajamento do ego com relação à massa em geral de sensações” que são marcadas por múltiplas sensações de desprazer estabelecidos no estrito domínio do indivíduo “.

Assim sendo, quais são os agregados sociais da Praça da Alfândega analisados?

Com o intuito de se fazer uma análise mais precisa deste tema da pesquisa - e que isso será abordado na metodologia - selecionou-se alguns desses agregados sociais que compõem as construções das territorialidades expressos no cotidiano da Praça da Alfândega. São eles:

- Os engraxates;
- As prostitutas;
- Os idosos;
- Os artesãos;
- Os ambulantes;
- Os jogadores de dama e dominó;

Cabe ressaltar que estes agregados sociais constituem uma rede relacional complexa que para analisá-los pressupõem uma série de outras abordagens conceituais, como já foi mencionado anteriormente.

Uma dessas abordagens citadas insere-se o conceito de lugar que para Santos (2001, p.114), “não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro”.

Então, é necessário afirmar que o lugar é fundamentalmente o palco das práticas cotidianas e conseqüentemente da subjetivação do espaço. Sendo indelével a existência de múltiplos olhares nos quais delegam ao espaço uma característica de singularidade em relação ao indivíduo.

Esta afirmação remete à idéia de *socialidade* que de acordo com Maffesoli (1987, p.114 –115) “é a forma lúdica da socialização”, onde,

“O lúdico é aquilo que nada tem a ver com finalidade, utilidade, ‘praticidade’, ou com o que se costuma chamar de ‘realidade’. É ao invés, aquilo que estiliza a existência, que faz ressaltar as características essenciais desta. Assim (...) o *estar-junto* é um dado fundamental. Antes de qualquer outra determinação ou qualificação ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma *cultura* sua força e solidez específica”.

Em contrapartida a esta idéia de Maffesoli tem-se a perspectiva dos agregados sociais que estabelecem territorialidades, não pelo motivo do “*estar-junto à toa*” designado pelo autor, mas sim pela necessidade de sobrevivência o que Harvey (2004, p.161) denomina de “luta pelo salário vital”. Ou seja,

“as capacidades criadoras e transformadoras do trabalho sempre trazem em si potencialidades (por

mais imaginável que possa ser nas atuais circunstâncias) de moldar um modo alternativo de produção, de troca e consumo.”

Com relação ao que Harvey menciona no específico caso da Praça da Alfândega pode-se destacar como exemplos as prostitutas, os engraxates, os ambulantes, entre outros. Mas isso será abordado posteriormente no texto da pesquisa.

#### **1.1.4 Identidade**

Este conceito é de grande valia para a análise de grupos ou agregados sociais, principalmente quando se remete às sociedades urbanas contemporâneas.

Onde as territorializações são fundadas muitas vezes pela diferença. Gomes (2002 p.181) ressalta que o domínio territorial “significa a afirmação de sua diferença em oposição aos demais” fenômeno definido como “*tribalização*” que atualmente convergem na “imagem da cidade”, contrariando o discurso de uma idealização anteriormente fundada de cidade “unitária, coesa, e hierarquizada por funções, classes ou usos, em benefício de uma noção de simples ajuntamento demográfico.”

Nesse processo perpassa a questão da identidade claramente presentes nos processos relacionais e nas práticas cotidianas dos agregados sociais. De acordo com Costa (2002, p. 67-68), “tais agregados atuam em partes do espaço, identificando e se identificando com tais partes a partir das relações promovidas por seus integrantes.”

Essa ação identificatória é marcada, também, pela alteridade que se constitui pela distinção e/ou diferença. Isso promove ações de segregacionismo nos espaços. Se o indivíduo não se identifica segrega-se ou torna-se indiferente, conformando as chamadas *fronteiras de convivências* que se dão de maneira efêmera e imprecisa, no sentido dessas fronteiras não serem demarcadas nitidamente.

É mister inferir que essa perspectiva é denotada pelo caráter simbólico, muito presente no aspecto identitário, que possibilita o “reconhecimento” e /ou enquadramento ao conjunto dessa tessitura social.

Para Maffesoli (1987, p.135),

”O social repousa na associação racional de indivíduos que têm uma identidade precisa e uma existência autônoma; a socialidade, por sua vez, se fundamenta na ambigüidade básica da estruturação simbólica”.

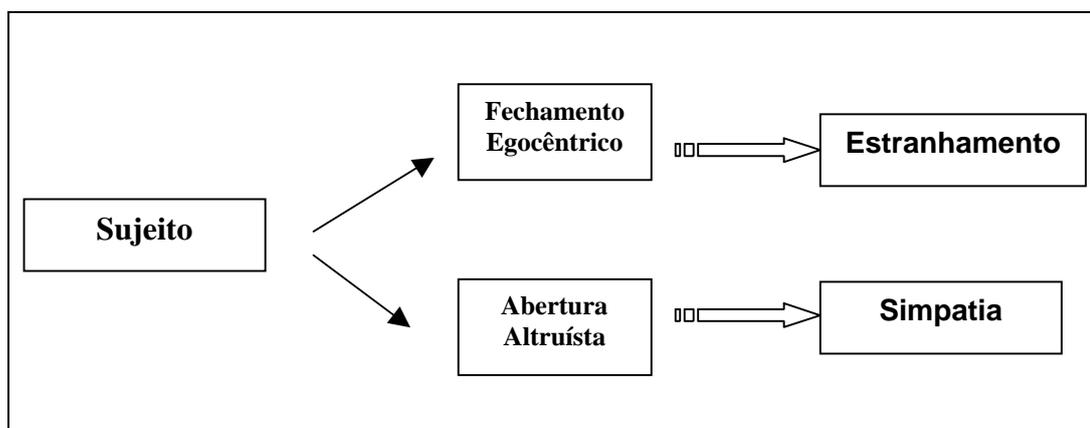
No estudo dos agregados sociais da Praça da Alfândega as análises das questões que envolvem a identidade são de caráter

obrigatório. No espaço em particular percebe-se a multiplicidade identitária dos indivíduos que a freqüentam, onde a interação do sujeito com o outro são definidoras das práticas sociais que ocorrem nesse espaço.

No contexto das relações sociais Morin (2003, p.77) ressalta que “o outro” converge “ao mesmo tempo o semelhante e o dessemelhante” , onde o semelhante seria a identidade humana (“traços humanos ou culturais comuns”) e o dessemelhante estaria na percepção da singularidade do indivíduo ou etnia.

Assim sendo conforme Morin (2003, p.77) “o outro comporta, efetivamente, a estranheza e a similitude. O sujeito é por natureza aberto e fechado”. E justamente neste aspecto comportamental é que se dá o processo da socialização que refletem no modo de vida dos agregados sociais do espaço investigado.

**Quadro 01 : A relação com o outro baseado em Edgar Morin (2003, p.77)**



Fonte: Autor

Com base nesta afirmação percebe-se que a relação sujeito-sujeito estabelece uma lógica de identidade que é estabelecida também pelo processo comunicacional dialógico, sendo esse processo sempre relacional e interligado intrinsecamente por questões simbólicas e de poder.

Para se falar em identidade deve-se remeter a um outro conceito relevante que é, justamente o de cultura. Pois a dita identidade é consolidada por meio do aspecto cultural. E para isso, primeiramente deve-se dimensionar os sentidos significantes expressos do termo cultura, evitando, assim, denotar no senso-comum a simplificação de um conceito tão complexo.

Esse conceito é tão contraditório que Félix Guatarri e Suely Rolnik (2000, p. 69) ressalta que o conceito de cultura pode ser *uma cilada*. Ou seja, os entendimentos e os usos do conceito de cultura são diferenciados de acordo com a perspectiva analisada.

Guatarri (2000, p.17) considera três sentidos do conceito de cultura, são eles:

- *Cultura-valor*: implica em um *juízo de valor* entre aquele que *tem cultura* e aquele que *não tem*, ou seja, conforme o senso-comum, o ser *culto* e o *inculto*. Esse conceito é o mais antigo, conforme o autor, embora seja errôneo, ele está incorporado na sociedade moderna.

- *Cultura-alma coletiva*: está intrinsecamente ligado ao sentimento de pertencimento a um determinado grupo. Fenômeno chamado por Guatarri (2000, p.17) de *cultura democrática*, onde *qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural*. Esse conceito incorpora, muitas vezes, um sentido etnocêntrico que se constitui como um mecanismo de exclusão social, na qual em certas ocasiões é utilizado para a subjugação racial e a manutenção do poder, como podemos verificar em vários momentos da história da humanidade e nas expressões do cotidiano.
- *Cultura-mercadoria*: este último conceito confere a dita cultura de massa. Aquela produzida e incrementada com o intuito comercial, muitas vezes, sem levar em conta as bases materiais e expressões identitárias historicamente vinculadas a um determinado território.

No contexto deste espaço investigado usou-se o conceito de cultura ligada a idéia de pertencimento, no qual está fortemente interligada com as concepções simbólicas e identitárias.

Ainda nesse sentido Morin (2002, p.19) ressalta que:

“A Cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada / organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória

histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam 'representações coletivas', 'consciência coletiva', 'imaginário coletivo'. E, dispondo de seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade e governam os comportamentos individuais”.

### **1.1.5 Espaço Público e cidadania**

Ao analisar o espaço público e seus vínculos com as práticas espaciais estabelecidas, pode-se referir algumas considerações acerca deste conceito relevante para o estudo realizado na Praça da Alfândega.

No sentido de conceituar espaço público pode-se inferir de forma generalizada, que este seria a base física onde se oferece a condição da sociabilidade, sendo para isso necessário processos comunicacionais e informacionais.

Na ótica de Gomes (2002, p.173-174) o espaço público seria um lugar onde coabitam indivíduos, e através de um pacto social constituído: *a cidadania*; instauram “um pacto formal” neste território onde estabelecem “limites, indica usos, estabelece parâmetros e sinaliza as interdições”. Sendo, portanto, o espaço da “reprodução da vida coletiva” e das práticas sociais, fazendo deles (os espaços públicos) um espaço

complexo e dinâmico que conformam uma relação direta entre “a configuração física, seus usos e sua vivência efetiva”.



**Figura 03:** Praça da Alfândega: “*Um espaço público.*” - Percebe-se nesta foto claramente seu caráter público principalmente baseado no aspecto da livre circulação dos cidadãos e da sua diversidade.

**Fonte:** Site <http://www.terragaucha.com.br/imagens> - Acessada dia 02/05/2006.

Uma outra consideração, com relação ao espaço público, está, justamente, em sua relação com a definição de cidadania. Onde se pode questionar se todos os espaços públicos são também espaços da expressão da cidadania?

Paulo César da Costa Gomes (2002, p.160) afirma que não, para o autor somente será o espaço público o lugar da prática da cidadania, quando ele oferecer a possibilidade do indivíduo, possa em presença de outros indivíduos “apresentar sua razão em público sem obstáculos, confrontá-las à opinião pública e instituir o debate”.

Nesse sentido tem-se neste espaço de acordo com Gomes (2002, p.160-161) “o lugar onde os problemas se apresentam, tomam forma, ganham uma dimensão pública, e simultaneamente, são resolvidos”. Contraditoriamente os espaços públicos vêm se tornando (ou sempre foram <sup>4</sup>) o lugar da passividade dos indivíduos que os utilizam, ou seja, os indivíduos tornaram-se prisioneiros “de uma cotidianidade niveladora”.

Assim sendo, os espaços públicos na atualidade conformam em lugares da socialidade, muitas vezes desconhecida de qualquer sentimento direto de politização ou da instituição de um debate público.

O significado do *estar em público* tornou-se ligado mais a um ideal cosmopolita <sup>5</sup>, exigência da sociedade moderna.

Richard Sennett (1998, p.32) ressalta que a partir do século XVIII, principalmente na Europa o sentido de “*público* veio a significar uma vida que se passa fora da vida da família e dos amigos íntimos; na região pública, grupos sociais complexos e díspares teriam de entrar em contato inelutavelmente. E o centro dessa vida pública era a capital”. Com isso surgiram os grandes empreendimentos urbanos, como a construção dos grandes parques urbanos e ruas amplas para a circulação pedestre,

---

<sup>4</sup> Paulo César da Costa Gomes (2002, p.161) ressalta que alguns críticos afirmam que as sociedades modernas, embora tenham proclamado “os valores da consciência individual e da democracia, estão completamente parasitadas pelo corporativismo e pela propaganda, e nunca chegaram a construir um espaço público, como aquele idealizado pelo pensamento liberal moderno”.

<sup>5</sup> Sennett (1998, p.30) afirma que a idéia de *cosmopolita* converge em “um homem que se movimenta despreocupadamente em meio à diversidade, que está à vontade em situações sem nenhum vínculo nem paralelo com aquilo que lhe é familiar”.

assim como o surgimento das casas de café os “*coffeehouses*” e posteriormente os cafés, que se tornaram centros da vida social burguesa. Era a maneira do indivíduo *estar em público*.

De certa forma essa perspectiva pode ser transposta para a realidade da Praça da Alfândega no início do século XX. Onde ela se tornou palco da sociabilidade da população que utilizava e/ou vivia no centro de Porto Alegre. Mas, isso será abordado no terceiro capítulo dessa dissertação.

#### **1.1.6 Cotidiano:**

A abordagem do cotidiano <sup>6</sup> neste trabalho torna-se uma importante referência para o estudo da Praça da Alfândega. Sendo possível afirmar que seria praticamente inimaginável analisar os agregados sociais que convivem neste espaço público sem passar pela percepção do cotidiano.

O cotidiano remete, antes de tudo, ao estudo das dimensões simbólicas e representativas. Assim como as experiências vividas

---

<sup>6</sup> Vários autores importantes trabalham com a temática do cotidiano como por exemplo Agnes Heller, Michel Foucault e Lefebvre, mas na constituição desta dissertação optou-se por aqueles que se referem ao cotidiano na forma mais aproximada com os pressupostos analisados nesta investigação, especialmente na observação dos particularismos que emergem em meio à perda do social.

individualmente ou coletivamente e as formas de sociabilidades marcadas pela “polifonia de subjetividades diversas” (Canevacci, 1993, p. 63). Que oferecem condições para analisar a constituição do espaço social da Praça da Alfândega nessa importante área urbana da cidade de Porto Alegre. Pois conforme Rocha e Eckert (2005, p.83-84),

“O fenômeno urbano é o resultado da ação recíproca de indivíduos e de grupos no plano de trocas sociais, cabe destacar aqui a importância do estudo das formas específicas dos arranjos da vida social que aí se processam, segundo a complexidade dos gestos acumulados de seus habitantes, seja para a compreensão do processo de territorialização /desterritorialização de identidades sociais no mundo contemporâneo, seja para o entendimento da descontinuidade sistêmica de valores acionados, de redes e espaços sociais que situam os sujeitos segundo suas trajetórias, posições e papéis, suas adesões e suas dissidências no contexto citadino”.

Na citação acima se percebe que o cotidiano torna-se o lugar da experiência vivida. Onde cada indivíduo junto com os outros se apresentam como constitutivos de um saber vivido: uma *cultura do cotidiano*, que como afirma Maffesoli (1987, p.34) é a aquela “*cultura vivida no dia-a-dia*” e que conformam num *cimento essencial* da vida em sociedade. Sendo ela elaborada por um conjunto de “emoções e sentimentos vividas em comum”.

Nessa mesma linha de análise Zilá Mesquita (1995, p.15) afirma que “é no cotidiano que nos tornamos observadores de nos mesmos e do próximo, isto vale dizer: do outro, dos outros e do mundo, portanto do território”. E este cotidiano remete intrinsecamente ao caráter relacional que o cotidiano expressa. Ou seja, o cotidiano não se manifesta de forma não-espacial e assim o que Zilá Mesquita e Carlos Rodrigues Brandão (1995) denomina de “*territórios do cotidiano*”.

Portanto para se analisar o cotidiano da Praça da Alfândega deve-se dar conta de uma infinidade de significados simbólicos, comunicacionais, representativos e subjetivos que marcam a sociabilidade deste espaço público.

Esse *conhecimento comum*, como denomina Maffesoli (1988, p.226-228) , que o estudo do cotidiano denota emerge em uma “uma sabedoria popular ou do bom-senso (cenestesia social)” um elemento estrutural do equilíbrio que se tem a obrigação de observar ainda que trivializada nas práticas sociais mais corriqueiras como por exemplo as “*conversas jogadas fora*”. O cotidiano remete conseqüentemente a um estudo mais amplo: o estudo da sociabilidade.

Para melhor verificar essa realidade vivida tem que se utilizar um aparato metodológico onde possa emergir todos esses conhecimentos que trarão a tona os aspectos relevantes do cotidiano da Praça da Alfândega e que embasarão o cerne da pesquisa. Mas isso será tratado

posteriormente na seção que se refere exclusivamente sobre a linha metodológica dessa investigação.



**Figura 04:** Praça da Alfândega: *“Espaço e cotidiano”*.

**Fonte:** Site <http://www.terragaucha.com.br/imagens> - Acessada dia 02/05/2006.

## **2. A BUSCA POR UMA METODOLOGIA**

Como destaca Rossi e O' Higgins (1981, p.157) “qualquer que seja o objeto de investigação eleito, a orientação teórica do investigador influirá sempre amplamente nas questões delineadas e o tipo de resposta que estas recebem”. Portanto para compor essa pesquisa foi necessária a busca por uma metodologia que contemplasse os propósitos que a investigação se propunha. O método que conseguisse abarcar todo o emaranhado complexo que se constitui no estudo dos agregados sociais e do cotidiano. Principalmente quando se refere aos espaços urbanos como o da Praça da Alfândega.

A importância de uma metodologia para o estudo dos agregados sociais converge na perspectiva de conseguir registrar e verificar os objetivos propostos nesta investigação.

A metodologia que se buscou deve dar conta de aspectos que envolvem as questões simbólicas, identitária, comunicacionais e as percepções imaginativas do espaço.

Assim sendo o estudo de lugares, como por exemplo, o da Praça da Alfândega, com suas subjetivações, por parte dos sujeitos que a frequenta, torna-se um grande problema metodológico em virtude de sua complexidade analítica.

De acordo com Morin (2003, p.122) “a vida humana necessita de verificação empírica, da correção lógica, do exercício racional da argumentação. Mas precisa ser nutrida de sensibilidade e de imaginário.”

Neste contexto, torna-se necessário uma visão multidisciplinar e um aparato teórico-metodológico fidedigno capaz de avaliar esta variabilidade fenomenológica, pois conforme Pesavento (2002, p.9) citando Morin “tudo o que é do homem é, ao mesmo tempo, psíquico, sociológico, econômico, histórico e demográfico”. Assim sendo, somente com esta postura poliocular fundamenta-se consistentemente o entendimento deste espaço e suas complexas relações multidimensionais.

O método que se considerou mais adequado para estudar os agregados sociais da Praça da Alfândega foi o *método etnográfico*. Esta metodologia é capaz de analisar os vários aspectos que abrangem o

estudo do cotidiano de sociedades complexas, como as dos espaços urbanos contemporâneos.

Rocha e Eckert (2005, p.132) ressaltam que,

“o dinamismo do método etnográfico afirma-se, assim, como formula metodológica coerente quando se detalha o esquema espaço-temporal na operacionalização do entendimento dos conjuntos de significados que lhes foram transmitidos e desenvolvidos e onde sua ação humana, em face das propriedades dos grupos/indivíduos observados, entidades diretamente localizáveis, é mediada por um projeto cultural no contexto das complexidades dos processos sociais”.

Neste contexto pode-se inferir que o método etnográfico com todo o seu aparato procedimental que se pode utilizar como por exemplo a observação de campo, a entrevista e a imagem (no caso desta pesquisa a imagem fotográfica) converge no método mais apropriado para se investigar as denominadas sociedades complexas, no caso específico os agregados sociais de uma praça de uma sociedade urbana de uma grande metrópole contemporânea.

O método etnográfico, que antes era quase que exclusivo da Sociologia, mais especificamente da Antropologia, atualmente vem se destacando em outras ciências como, por exemplo, a Geografia. No sentido que este método consegue dar conta de certas perspectivas que

podem melhor explicar as práticas sociais que ocorrem no espaço, e por intermédio disto poder explicar fenômenos como o das territorialidades empreendidas por grupos e/ou agregados sociais no espaço público da Praça da Alfândega.

O método etnográfico de acordo Rocha e Eckert (2005, p.121) denotam em uma “ética de interação, de intervenção e da participação construída sobre a premissa da relativização”, no qual pode-se priorizar “o ponto de vista do *outro* compreendido a partir do processo interativo em campo: o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados”.

Nessa perspectiva de conceituar o método etnográfico Wielewicki (2001, p.27) afirma que,

“Desenvolvida na Antropologia, a pesquisa etnográfica propõe-se a descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas fazem em um determinado ambiente (...), os resultados de suas interações, e o seu entendimento do que estão fazendo. Em outras palavras, esse tipo de pesquisa procura descrever o conjunto de entendimentos e de conhecimento específico compartilhado entre participantes que guia seu comportamento naquele contexto específico, ou seja, a cultura daquele grupo”.

Assim sendo, o método etnográfico é o que mais se enquadra no contexto dessa pesquisa, pois a partir dele e seus demais procedimentos

metodológicos necessários consegue-se verificar com maior precisão toda a complexidade contida na socialidade dos agregados sociais analisados na Praça da Alfândega.

Conklin (1988, p.153) “ressalta que o método etnográfico pode recorrer e descrever o comportamento culturalmente significativo de uma sociedade concreta.” Nesse intuito o pesquisador, de acordo com este mesmo autor, deve contemplar nessa metodologia a observação do comportamento habitual nessas chamadas sociedades concretas.

No entanto, na busca da metodologia adequada convém lembrar que nenhuma delas conseguem avaliar com toda a precisão e abrangência os fenômenos investigatórios. Pois como Morin (2002, p.300) afirma:

“Mesmo a sociologia do conhecimento mais complexa não saberia nos fornecer o critério verdadeiro e do falso; pode, no máximo, dar-nos as condições históricos-sócio-culturais favoráveis ao jogo das idéias e à localização dos erros <sup>7</sup>”;

Portanto cabe ao pesquisador o cuidado na investigação com o intuito de evitar incoerências teóricas e metodológicas que podem comprometer todo o andamento da pesquisa em questão. Por isso a

---

<sup>7</sup> Nesta citação Morin ressalta seu princípio da *incerteza sociológica*, além desse princípio o autor traz outras incertezas como a *antropológica*, a *noológica*, a *lógica* e a *racional*, que compreendem a incapacidade e a imprecisão com relação à possibilidade do conhecimento em sua plenitude.

necessidade da concatenação dos fenômenos investigados com a metodologia proposta.

Um outro problema que é ressaltado por Bardin (1977, p.28) é o chamado uso da “*sociologia ingênua*” que se manifesta por meio de uma suposta “compreensão espontânea da leitura simples do real”, que na realidade só dão conta da “própria subjetividade” do pesquisador.

Para que isso não ocorra, convém reafirmar e explicitar os demais procedimentos metodológicos que agregam ao método etnográfico, como por exemplo, o uso da fotografia, da entrevista social e da observação de campo.

## **2.1 A fotografia: A textualização da imagem na percepção do espaço vivido**

As imagens que se buscou incorporar a esta pesquisa, através de um ensaio fotográfico <sup>8</sup> na Praça da Alfândega, não teve apenas o intuito de ilustrar o trabalho, tornando-se apenas uma evidência secundária ao assunto tratado. Pois de acordo com Bachelard (1988, p.51) “nenhuma imagem surge sem razão , sem associação de idéias”.

---

<sup>8</sup> Esta afirmação refere às imagens do acervo do autor, ou seja, àquelas obtidas por meios de trabalhos fotográficos feitos na Praça da Alfândega durante a realização da investigação.

Portanto a fotografia torna-se um procedimento metodológico que permite abordar o cotidiano e as perspectivas etnográficas que a investigação se propôs analisar.

Embora se saiba que a fotografia por si mesma, não dá conta de uma série de subsídios que outras formas de investigação trariam com maior sucesso. Nesse contexto ela torna-se um argumento a mais para a abranger a complexidade de informações que o estudo etnográfico do cotidiano dos agregados sociais revela.

Como ressalta Godolphim (1995, p.166),

“Ao considerarmos que a realidade social se apresenta em uma ‘discursividade’, estamos nos referindo a uma discursividade no sentido mais amplo de um curso-fluxo de códigos, proferidos não necessariamente pelas palavras, mas que expressam uma textualidade em sua dinâmica própria, textualidade que uma parcela de antropólogos costumam chamar de cultura”.

A partir dessa análise pode se referir que o recurso da fotografia na pesquisa etnográfica do cotidiano dos agregados sociais converge no sentido de analisar outros códigos, chamados de *signos fotográficos*, que complementam a investigação destes agregados na Praça da Alfândega.

Assim sendo a fotografia torna-se um elemento comunicacional passíveis de inúmeras interpretações, mas que certamente conformam

uma mensagem etnográfica, que em conjunto com outros procedimentos metodológicos como a entrevista deixa de ser um dado secundário ou ilustrativo do texto e passa a denotar uma textualização da realidade verificada na pesquisa social.

## **2.2. A entrevista social: A fala do outro na perspectiva da análise das práticas sociais**

A entrevista como procedimento metodológico constitui em um importante recurso para permitir a análise na pesquisa social. No caso desta investigação deu-se primazia ao uso da denominada *entrevista semi-estruturada*<sup>9</sup>, onde se tem um conjunto de perguntas delineadas, mas se possibilita ao longo da entrevista a intervenção, quando necessário, do pesquisador para buscar informações além do previsto.

O processo investigatório qualitativo no que conforma a entrevista tem como o intuito uma posterior análise de conteúdo para ressaltar os aspectos que conferem a cientificidade da pesquisa. A *fala* (como recurso simplificado) do entrevistados não basta para conferir o que se propõe o estudo.

---

<sup>9</sup> Como foi grande a variedade de agregados sociais pesquisados optou-se por diferenciar as entrevistas para que se pudesse verificar adequadamente cada um dos agregados estudados. Além disso, para agilizar a entrevista utilizou-se a gravação da voz do entrevistado e depois sua transcrição e análise das informações obtidas (Os modelos das entrevistas encontram-se nos anexos nº 02 ao nº 07 dessa dissertação).

Como se pode perceber em Thums (2000, p.167) o processo comunicacional gerado pela entrevista (entrevistador/entrevistado) produzem “indicadores relevantes para a construção do conhecimento” que serão de fundamental relevância na construção das bases teóricas da investigação.

No que se refere à *fala do sujeito* no método etnográfico deve-se ressaltar a importância da mesma no estudo do cotidiano. A fala - no sentido de o que o sujeito tem para dizer – traz uma série de significações que são passíveis de análise. Pois aglutinam vários aspectos simbólicos que afloram em concomitância com a abordagem teórica a qual essa análise é submetida.

A fala do sujeito traz a perspectiva do espaço vivido ou a experiência vivida, que no contexto da análise dos agregados sociais da Praça da Alfândega torna-se de mister relevância nessa pesquisa.

Michel de Certeau (1996, p.85-86) reafirma a importância da fala no estudo do cotidiano onde,

“A retórica e as práticas cotidianas são igualmente definíveis como manipulações internas a um sistema – o da língua ou ao de uma ordem estabelecida (...) inscrevem na língua ordinária as astúcias, os deslocamentos, elipses, etc. Que a razão científica eliminou dos discursos operatórios para constituir sentidos próprios”.

Assim a linguagem humana pode se dizer “polivalente e polifuncional <sup>10</sup>”, como se refere Morin (2002, p.197-198) e quando falada exprime uma série de significados, que o pesquisador ao se apropriar dos mesmos, pode por intermédio de uma análise de conteúdo trazer à tona uma série de informações e conhecimentos. Que por ventura podem constituir e/ou complementar a proposta metodológica e os aspectos a serem verificados no contexto da investigação.

Cabe afirmar que a análise das *falas* dos sujeitos que pertencem aos respectivos agregados sociais investigados, não se tornou referencial único e objetivo do estudo, até pelo aspecto subjetivo que este procedimento pode denotar. Não se quer, com isso afirmar que a subjetividade deva ser desconsiderada da pesquisa social. No entanto, como Popper (1975, p.47) ressalta o subjetivo refere-se a “nossos sentimentos de convicção” e, portanto deve passar por processos analíticos que empreenderão seu sentido “cogente”.

Nesse processo foi realizada uma seleção das falas mais significantes e que condizem com a realidade observada na Praça da Alfândega durante a investigação. Portanto nem todas as falas e entrevistas foram utilizadas nessa dissertação.

---

<sup>10</sup> Nesta idéia de polivalência e polifuncionalidade Morin, na obra tratada acima, ressalta que a linguagem tem a função da expressão, da constatação, da argumentação, da dissimulação e da proclamação. Ela torna-se veículo principal da transmissão e da inovação de uma cultura, através de operações cognitivas e comunicativas.

A utilização da *fala do indivíduo* representa nesta pesquisa uma adição à proposta metodológica que em conjunto com os referenciais bibliográficos, a observação de campo e o ensaio fotográfico abrangeram a multiplicidade de fenômenos que se pode observar neste espaço público chamado Praça da Alfândega.

### **2.3 A observação: Um olhar sobre o cotidiano na Praça da Alfândega**

As observações de campo<sup>11</sup> constituem um procedimento fundamental, mas como mencionado anteriormente não o único, desta pesquisa. Foram essas observações que trouxeram boa parte dos aspectos verificados com relação ao cotidiano da Praça da Alfândega e conseguinte às informações relevantes obtidas, as quais, posteriormente constituíram na análise da investigação e na construção do conhecimento científico.

No contexto de explicar como esse procedimento foi tão importante para a pesquisa, convém ressaltar que as observações ocorreram de maneira *assistemática*, ou seja, como define Thums (2000, p.166) “consiste na execução espontânea, informal, ordinária, simples, livre,

---

<sup>11</sup> As observações de campo realizadas na Praça da Alfândega foram feitas em vários dias e em horários diversos nos meses de agosto, setembro e outubro do ano de 2005. Com o intuito de observar os variados agregados sociais que convivem neste espaço público e em faixas de horários diferenciadas.

ocasional, acidental, do fenômeno que se deseja estudar, conhecer, explorar”. Embora se deva mencionar que as observações realizadas dos agregados sociais na Praça da Alfândega procuraram atender aos objetivos previstos na investigação.

A partir das observações de campo foi necessária a realização das análises e interpretações dos fenômenos observados. Para isso, teve-se que buscar os referenciais teóricos que melhor se enquadrassem nesse processo analítico. Percebe-se que quanto mais complexas forem as relações ou práticas estabelecidas entre os agregados sociais, mais intrincado tornou-se a tarefa do pesquisador.

Sato e Souza (2001) atenta para determinados cuidados que se deve tomar ao realizar as observações de campo, no sentido que:

“Os acontecimentos somente virão com o tempo e, também, os significados. (...) É fundamental estar atento à invisibilidade da vida cotidiana. É preciso questionar aquilo que parece *natural* a nossos olhos, suspeitar do *corriqueiro*, do *trivial*, estranhar o aparentemente familiar. Essa dificuldade se reflete nos registros de dados. Em muitos registros, principalmente os primeiros, por vezes utilizamos, na descrição de episódios observados, categorias comumente construídas, mantendo a tendência de rotular imediatamente, interpretar muitos episódios ao invés de descrevê-los”.

Por esse motivo adota-se a observação assistemática, dessa maneira se permite uma maior flexibilidade que a análise em uma pesquisa social exige, principalmente quando se refere aos agregados sociais.

O cotidiano dos agregados social da Praça da Alfândega implica em uma análise que entrelaçam vários elementos (expressões culturais, códigos, signos, relações de poder, etc) que puderam ser percebidos nas observações realizadas durante a elaboração desta dissertação.

Essas observações de campo em conjunto com as fotos e as entrevistas configuram-se nos recursos necessários para compor a análise dessa dissertação, juntamente as considerações teóricas acerca dos fenômenos percebidos na Praça da Alfândega.

### **3. A PRAÇA DA ALFÂNDEGA**

Este capítulo tem como intenção implementar um estudo da área escolhida para esta pesquisa. Para isso foi necessário um breve resgate das referências históricas que se tem da Praça da Alfândega ao longo do tempo. Assim como trazer a justificativa do desígnio desse respectivo espaço público para o desenvolvimento da investigação proposta.

#### **3.1 Praça da Alfândega: Seus nomes e sua história**

A história dessa praça em muitos momentos se confunde com a própria história de Porto Alegre. Chamada inicialmente de Largo da Quitanda, depois Praça do Comércio, logo após Praça da Alfândega, foi ainda designada como Praça Senador Florêncio e voltou a ser chamada de Praça da Alfândega.

Os registros que se tem desse espaço datam de aproximadamente 1752. Mas só em 1800 a Carta Régia mandou construir a praça que foi chamada, como mencionado anteriormente de Largo da Quitanda onde como relata Ruschel (1971, p.29) “naquele largo encostavam as canoas e as carroças transportando os *produtos da terra*. Foi o primeiro mercado que a cidade teve”.

A primeira função desse espaço conformava-se em um lugar de trocas comerciais e portuárias dos produtos que chegavam via fluvial à cidade de Porto Alegre.

Assim como um embarcadouro de mercadorias o conhecido Largo da Quitanda (ver anexo nº 08) atraía um grande contingente de pessoas, entre as quais os consumidores, os comerciantes e os quitandeiros, fato que originou seu nome primordial.

Levando em conta sua função comercial, com o intuito de propiciar uma maior funcionalidade e dinamicidade a esse *porto* foi construído em 1806 um trapiche chamado de *Guardamonia* (como se pode perceber na figura 05). Localizando-se às margens do Guaíba, onde atualmente é a passagem central da Praça da Alfândega, devido ao aterro realizado em 1912.



**Figura 05:** Trapiche da Guardamonia em 1892.

**Fonte:** <http://www.portoimagem.com> - acessada dia 22/01/2007.

Relatos de viagens do francês Saint-Hilaire (1987, p.43) de 1821 mencionam este espaço da seguinte forma:

“As mercadorias que aí descarregam são recebidas na extremidade dessa ponte, debaixo de um armazém de vinte três passos de largura por trinta passos de comprimento, sustentada sobre oito pilastras de pedra, em que se apóiam outras de madeira. A vista desse cais seria um belo efeito para a cidade, se não fosse prejudicada pela construção, à entrada da ponte um edifício muito pesado e rústico que mede quarenta passos de comprimento para servir de alfândega”.

A construção mencionada por Saint-Hilaire refere-se ao Prédio da Alfândega terminado em 1824. Construção que daria o novo nome a este espaço de *Praça da Alfândega*, ou seja, o antigo largo seria promovido a condição de praça pública. E com isso ocorreria uma série de

transformações nesse espaço central da cidade de Porto Alegre, entre algumas mudanças pode-se destacar a retirada de boa parte dos comerciantes para a Praça Paraíso, atual Praça XV de Novembro, e a partir disto, destinou-se um maior cuidado com a limpeza pública e o traçado do caminho público.

A partir de 1868 iniciou-se o plantio de mais árvores e ajardinamento do local, assim como a colocação de assentos para o público freqüentador. Sergio da Costa Franco em seu Guia Histórico de Porto Alegre comenta: “o velho largo dos quitandeiros e dos despachantes começa a tomar ares de jardim público”.

Em 1883 o nome da Praça foi alterado novamente passando a chamar-se Praça Senador Florêncio<sup>12</sup> quando ocorreram melhorias de infra-estrutura e paisagística. Com isso, em contexto com a Rua da Praia, tornou-se o espaço predileto das práticas comerciais da Porto Alegre do final do século XIX e do início do século XX. Fato constatado por Franco (2000, p.84),

“A Rua da Praia formava o núcleo da vida comercial, com suas lojas, seus depósitos e escritórios, a Alfândega na Praça para o desembarque das mercadorias, e a vizinhança dos trapiches de desembarque, nos espaços próximo ao Guaíba. E muitas residências, pois o habitual era os negociantes

---

<sup>12</sup> Nome dado em homenagem ao político destacado da Província e Senador do Império Florêncio Carlos Abreu e Silva.

residirem nos sobrados, acima das próprias lojas”.



**Figura 06:** Praça da Alfândega em 1910 (chamada na época de Senador Florêncio).

**Fonte:** <http://www.portobusca.com.br/curi/> acessada dia 26/06/2006.

Pode-se dizer que o respectivo espaço passa a sofrer grandes modificações <sup>13</sup> a partir de 1912 com a demolição do prédio da Alfândega e aterramento de aproximadamente cem metros até o cais do porto. Foram construídas obras de grande expressão como a Delegacia Fiscal (1912) e o Prédio dos Correios e Telégrafos (1914).

Associado à perda da importância do local como área portuária, começaram neste espaço uma série de grandes projetos arquitetônicos

---

<sup>13</sup> Essas modificações foram incorporadas a partir da criação da *Comissão de Melhoramento e Embelezamento da Capital*, que aprova em 1914 o denominado Plano Moreira Maciel que “indicava as linhas fundamentais da estrutura urbana para Porto Alegre do século XX”. (Macedo, 1998, p.85).

ao redor da Praça da Alfândega que vão conferir a ela um *ar de modernidade* e conseqüentemente para a área central da cidade de Porto Alegre.



**Figura 07:** Praça da Alfândega em 1920.

**Fonte:** <http://www.portoimagem.com> - Acessada dia 22/01/2007.

Entre essas modificações podem-se destacar as construções de edificações como o Banco Nacional do Comércio, o Edifício Imperial, o Cinema Guarani, o Grande Hotel e o Clube do Comércio.

Além disso, foram realizadas melhorias nos transportes públicos como os acessos para os bondinhos e automóveis que proporcionaram uma dinâmica urbano-social a este espaço.



**Figura 08:** Praça da Alfândega em 1925.

**Fonte:** <http://www.portoimagem.com> - Acessada dia 22/01/2007.

Com isso, a Praça da Alfândega e seu entorno configurou-se em um espaço importante da vida econômica, política, social e cultural da Porto Alegre do Início do século XX. Freqüentar esse espaço é conviver com o que se tem de mais moderno em termos de urbanismo e o que favorecia enormemente uma variabilidade social neste espaço público.

Athos Damasceno Ferreira em seu livro *Imagens Sentimentais da Cidade* (1940) faz uma descrição muito apropriada do cotidiano desta praça no coração da cidade de Porto Alegre. Por esse motivo merece uma citação mais longa do que o comum, para que se mantenha a riqueza dos detalhes expressos pelo respectivo autor em sua narrativa. Sendo assim, Athos Damasceno Ferreira (1940, p.27-28) refere-se a este espaço público da seguinte maneira:

“Onde estava o Largo da Quitanda, apareceu a Praça da Alfândega. Não era a mais bonita. Era, porém, a mais movimentada. Situada no centro de Porto Alegre e abrindo para a Rua da Praia onde se fazia todo o comércio de então, era o lugar de preferência para os encontros diários, para os ajustes de negócios, para as combinações ocasionais(...) Pelas suas *aleas* passavam os agenciadores ativos, sob suas árvores procuravam *desforar-se* do calor violento os caixeiros expeditos, em todos os sentidos atravessavam comerciantes e industrialistas em demanda dos Bancos, das Associações, da Alfândega, do Correio, do Telégrafo. (...) Ponto de partida de quase todos os bondinhos de burro e local de estacionamento de carros, carroças e carretas, as suas calçadas estavam sempre cheias de gente suarenta e impaciente.”

Reafirma-se a partir dessa citação a importância da Praça da Alfândega para a vida de Porto Alegre em todas as esferas. Destacando-se nesse cenário os aspectos cultural, social e econômico.

### **3.2. Praça da Alfândega e sua vida social no início do século XX**

Na década de 1930 a Rua da Praia e conseqüentemente a Praça da Alfândega eram o palco da vida social de Porto Alegre, de acordo com Luiz Antônio Glozer Maroneze (1994, p.47)

“A Rua da Praia representou o que havia de mais ‘chic’ e elegante no Estado do Rio Grande do Sul. Visitar Porto Alegre exigia um passeio por esta via. Desfrutar de seus bares, restaurantes ‘especializados’, cafés, confeitarias com música ao vivo, cinemas iluminados, etc, era o que se tinha de mais próximo da ‘vida pública’ metropolitana na cidade destes anos. O comparecimento diário ou semanal era condição básica para quem desejasse *existir* socialmente. Pois quem não freqüentava a Rua poderia ser *zerado* da sociedade porto-alegrense.”

Neste espaço e seus arredores os lugares mais freqüentados nesta época de acordo com Bentancur (1994, p.29) eram o Cine Rex, o Café Rex, O Café Imperial, o Clube do Comércio, o Restaurante Ghilosso, o Grande Hotel e a Livraria W.M. Jackson Inc. Estes espaços destacavam-se como pontos de encontro da vida social da cidade de Porto Alegre.

A Praça da Alfândega conformou-se nessa época como um lugar da sociabilidade, marcado por uma tendência de *elitização* desse espaço como se refere Pesavento (1999, p.214) onde os centros urbanos, como por exemplo Porto Alegre, começaram a tomar uma “feição afrancesada”, no qual as elites arremedavam os costumes culturais dos franceses. Fato constatado pelo aparecimento dos “cafés e confeitarias à moda *belle époque*”. Assim como o surgimento de cinemas e de lojas requintadas, que davam à cidade um ar  *europeizado*.



**Figura 09:** Praça da Alfândega nos anos 40.

**Fonte:** <http://www.portoimagem.com> - Acessada dia 22/01/2007.

Em uma entrevista de um artigo do jornal Zero Hora (1989, p.35) intitulado *Nostalgia na Praça da Alfândega* um idoso de setenta anos que em sua juventude freqüentava a Praça da Alfândega comentou sobre essa vocação da Praça da Alfândega no início do século XX :

“Mas como não lembrar com saudade de antigos e áureos tempos em que a Rua da Praia e especialmente aquela quadra<sup>14</sup> bem-aventurada pululavam de ‘gente fina’ em cafés, cinemas, livrarias e confeitarias – efervescência cultural e provinciana em uma Porto Alegre que há muito ficou para a memória dos lambe-lambes.”

---

<sup>14</sup> Referindo-se a quadra onde se encontra a Praça da Alfândega.

Nesse contexto, os cafés configuravam-se em espaços cujos freqüentadores eram exclusivamente homens que utilizavam esses lugares para diálogos intelectuais e políticos. Enquanto as mulheres freqüentavam as *matinês* dos cinemas da Rua da Praia.

Uma outra peculiaridade que marcou essa a época foi o chamado *footing*<sup>15</sup> da Rua da Praia onde o historiador Luiz Antônio Glozer Maroneze (1994, p.114) destaca:

“Durante o dia o *footing* é acompanhado pelo chá da cinco em confeitarias com músicas ao vivo. Após o expediente de trabalho, estas casas, os cafés e as principais ruas do centro ficavam repletas de pessoas em busca de lazer e companhia. Os vários cinemas, por sua vez, localizados na Rua da Praias e suas imediações, permitiam o contato de um grande público com as imagens metropolitanas. Paralelamente, as redações dos principais jornais, situadas também nesta área, fazem muitas vezes desta mesma *vida pública*, objeto da crônica ou ensaio literário.”

A partir do final da década de 1960 sensíveis transformações urbanas começaram a ocorrer no centro de Porto Alegre e que por ocasião levaram a modificações consideráveis na utilidade e uso da Praça

---

<sup>15</sup> Palavra em voga na época que se caracterizava pelo encontro da sociedade local na Rua da Praia e na Praça da Alfândega. O *footing* era mais intenso nas quintas-feiras e estava ligado aos costumes da cidade, tanto que um cronista social do Diário de Notícias publicava nas sextas-feiras uma lista com as mulheres que haviam comparecido a estes locais no dia anterior (Bentancur, 1994, p.30).

da Alfândega, convergindo na atual conformação deste espaço, período o qual, esta pesquisa dedicou-se a estudar.

Entre estas modificações podemos considerar algumas delas, como por exemplo:

- O local deixa de ter um caráter residencial, passando a ser estritamente comercial;
- Transferência para o local agências de bancos e escritórios;
- Retirada dos bondes que circulavam pela Rua da Praia;
- A construção do calçadão impedindo a circulação de automóveis no local;
- Fechamento dos cafés e confeitarias ao redor da Praça;
- Instalação do Rua da Praia Shopping;
- Fechamento dos cinemas da Rua da Praia;
- Ocupação pelo mercado informal como os artesãos e ambulantes;

Embora possa se dizer que houve consideráveis alterações nesse espaço, ele nunca delegou sua função de espaço social. No entanto, o que se pode referir é que os padrões de sociabilidade e as formas de territorializações empreendidas pelos freqüentadores da praça modificaram ao longo de sua história, até a esta atual conformação que esta pesquisa analisou.

Pode-se destacar, também um aspecto que corrobora com a vocação da Praça da Alfândega como espaço da sociabilidade e da vida cultural de Porto Alegre, justamente, pelo o fato da instalação desde 1955 da Feira do Livro de Porto Alegre que ocorre anualmente na praça sempre no final do mês de outubro e início do mês de novembro.

A Feira do Livro de Porto Alegre tornou-se referência cultural para todo o Brasil e América Latina recebendo milhares de visitantes anualmente.

A seguir algumas fotografias da Praça da Alfândega durante a realização da Feira do Livro:



**Figura 10:** Feira do Livro de Porto Alegre: Vista de uma parte das alas externas.

**Fonte:** <http://www.terragaucha.com.br/imagens> - Acessada dia 02/05/2006.



**Figura 11:** Feira do Livro de Porto Alegre: Ala coberta com editores de outros países.

**Fonte:** <http://www.terragaucha.com.br/imagens> - Acessada dia 02/05/2006

Júlio Zanotta Vieira em Bentancur (1994, p.9) enfaticamente evoca a importância da Feira para a cidade onde infere a ela como:

“(...) um certo aspecto da tentação, uma cena do Paraíso terrestre. Detém um segredo de vida, uma ressurreição. Ressurge todos os anos na renovação de um sentimento de felicidade ligado à primavera e ao amor pelo livro. Exprime o rito coletivo: retorno, reafirmação, retirada. Evidencia o símbolo da ciência e da sabedoria, o livro aberto, posto em relevo no retângulo da praça. (...) Cumpriu com o seu dever comunitário unindo o povo e a cultura na praça central, ajudando a definir o caráter de uma cidade”.

Um outro aspecto que se pode ressaltar foi a revitalização dos prédios em torno da Praça da Alfândega, a partir da obsolescência de seus usos originais e os utilizando para fins culturais. Com isso denota uma inserção no cenário cultural da cidade de Porto Alegre conformando em uma outra dinâmica social a este espaço.

O processo de revitalização desses espaços foram empreendidas nos seguintes prédios:

- O prédio da Delegacia Fiscal passou a ser o Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS;
- O prédio dos Correios e Telégrafos tornou-se o Memorial do Rio Grande do Sul;

- O prédio do Banco Nacional do Comércio que se transformou no Santander Cultural.

A seguir os respectivos prédios mencionados:



**Figura 12:** Memorial do Rio Grande do Sul.

**Fonte:** <http://www.portobusca.com.br/curi/> - Acessada dia 26/06/2006.



**Figura 13:** Santander Cultural.

**Fonte:** <http://www.portobusca.com.br/curi/> - Acessada dia 26/06/2006.



**Figura 14:** Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.  
**Fonte:** <http://www.portobusca.com.br/curi/> - Acessada dia 26/06/2006.

### 3.3 Praça da Alfândega: Por que estudar esse espaço?



**Figura 15 e Figura 16:** “A Saga de Canudos”. Apresentado na Praça da Alfândega pelo grupo de atadores do “Ói Nós Aqui Traveiz”.  
**Fonte:** Terreira da Tribo.

A Praça da Alfândega é um espaço da diversidade e da complexidade que compreende um lugar onde circulam diariamente um enorme contingente de população que freqüentam, utilizam e se movimentam na área central de Porto Alegre.

Este espaço ao mesmo tempo em que se dispõem enquanto arena de manifestações culturais como a Feira do Livro, a Feira do Disco e CDs e o teatro do Porto Alegre em Cena, se expressa também como um local do convívio social de pessoas de diferentes classes sociais e que convergem em práticas espaciais de vários agregados sociais estabelecidas neste espaço público, como, por exemplo, os idosos, prostitutas, meninos de rua, engraxates, tráfico de drogas, mercado informal entre outros.

Tudo isso convive frente aos espaços do chamado *circuito cultural* de Porto Alegre, onde circulam cidadãos de classes sociais mais elevadas e intelectuais, os quais freqüentam cotidianamente espaços como o MARGS (Museu de Arte do rio Grande do Sul), o Santander Cultural e o Memorial do Rio Grande do Sul.

Assim sendo, essas expressões espaciais empreendidas pelos grupos sociais que conformam o espaço geográfico onde se situa a Praça da Alfândega, são marcadamente elementos presentes na análise geográfica, onde, por intermédio dela, pode-se, nesta escala espacial (lugar) pode se verificar reflexos de uma supra-estrutura social.

A partir disso, pode se afirmar que a análise de um espaço como o da Praça da Alfândega, principalmente quando leva em conta o cotidiano, deve considerar as expressões culturais imaginativas que compõem, o que Pesavento (2002, p.14) chama de pedagogia da imaginação, “onde a retórica, o estilo, os registros de linguagem que selecionam palavras e fazem o uso de metáforas são responsáveis pela formação do museu imaginário de cada um”.

Portanto este espaço compreende uma importante *arena* para o estudo desses registros cotidianos expressos pelos elementos simbólicos e concretos que são manifestados pelos agregados sociais que convivem na Praça da Alfândega. Um desses fenômenos pode-se destacar as territorialidades estabelecidas por esses agregados.

Cabendo ressaltar, que essas territorialidades são modificadas e alternadas ao longo do dia e significativamente alteradas pelo contexto histórico as quais são estabelecidas. E elas são expressas por meio de fronteiras convivências ligado a poderes simbólicos ou / e identitários que denotam uma complexidade ao espaço analisado.

Nesse sentido as territorialidades convergem na apropriação espacial por agregados sociais com a produção de alteridades frente a outros (Costa, 2002, p. 71).

Nesta perspectiva, convém ressaltar que os agregados sociais estão interligados por processos relacionais conjugados com significados

identitárias conformados por sensações, subjetividades, estéticas e comportamentos similares, pois conforme Pesavento (2002, p.9) citando Edgar Morin “tudo o que é do homem é, ao mesmo tempo, psíquico, sociológico, econômico, histórico e demográfico”.

Nessa abordagem deve-se levar em conta a perspectiva do multiculturalismo que pode certamente ser percebido no espaço público como manifestações das sociedades contemporâneas. Assim deve-se levar em conta diversos aspectos como a questão do gênero, da subjetividade, da identidade, da ética, da estética entre outros aspectos relevantes.

A partir dessa ótica Laitano citando Maffesoli (1991, p.256) chamando a atenção sobre as áreas metropolitanas atuais, as quais se coloca frente às “novas formas elaboradas hoje em dia”, que sendo visíveis ou subterrâneas, apontam para uma multiplicidade do eu e a uma emergência do sentimento coletivo, construindo-se uma sociabilidade empática a qual “vai exprimir-se numa sucessão de ambiências, de sentimentos, e de emoções”.

Este estudo tem como objetivo analisar como estes diferentes agregados sociais percebem, apropriam-se, territorializam-se, identificam-se e deslocam-se neste importante e complexo espaço da cidade de Porto Alegre: A Praça da Alfândega.

### 3.4 A Praça da Alfândega: Em busca do passado

No ano de 2006 a Prefeitura de Porto Alegre em parceria com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e entidades de patrimônios históricos como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) do Programa Monumenta do Ministério da Cultura entre outros promoveram escavações para a buscar evidências arqueológicas dos povos indígenas pré-coloniais que habitavam a região e também procurar vestígios do antigo paredão do cais do porto construído em 1858 e uma de suas escadarias.

A seguir algumas fotos das escavações arqueológicas:



**Figura 17:** Escavações no terreno da Praça da Alfândega: “*Em busca do passado*”.

**Fonte:** [http://voltasnoporto.blogspot.com/2006\\_11\\_12\\_archive.html](http://voltasnoporto.blogspot.com/2006_11_12_archive.html) - Acessada dia 05/01/2007.



**Figura 18:** Parte das escadarias do antigo cais: “*Em busca do passado*”.

**Fonte:** [http://voltasnoporto.blogspot.com/2006\\_11\\_12\\_archive.html](http://voltasnoporto.blogspot.com/2006_11_12_archive.html) - Acessada dia 05/01/2007.

Após este trabalho arqueológico tem-se como proposta uma restauração e reestruturação da Praça da Alfândega para que ela volte a ter as feições que possuía em 1940.

Por meio de documentos históricos e fotografias antigas o projeto visa a “reconstituição dos canteiros, dos passeios públicos e iluminação de acordo com o adotado no passado (...)” (Correio do Povo, 16/01/2007, p.7).

A execução deste projeto está estimado em três milhões de Reais com a participação do Programa Monumenta e desenvolvido pelo Ministério da Cultura e a Prefeitura de Porto Alegre e conforme previsto a

Praça da Alfândega realçará ainda mais sua condição de patrimônio histórico e turístico da cidade de Porto Alegre.

## **4. A PRAÇA DA ALFÂNDEGA: O COTIDIANO DOS AGREGADOS SOCIAIS**

“Somos do tecido com o qual se fazem os sonhos”

Shakespeare

### **4.1 Os agregados sociais da Praça da Alfândega**

Na praça da Alfândega, percebem-se as articulações de vários agregados sociais que convivem cotidianamente e se apropriam de parcela(s) de seu espaço(s). Isto ocorre por diferentes motivos, que vai desde a necessidade de sobrevivência (prostituta, engraxates e vendedores ambulantes) até como o ponto de encontro, ócio e lazer (idosos, jogadores de damas e dominós, etc), assim como os transeuntes que utilizam o espaço para simples deslocamento para outros pontos da

cidade (o que não se considera como sendo agregados sociais).

Os agregados sociais descritos constituem territorialidades efêmeras e elásticas no que se refere às fronteiras de convivências estabelecidas no espaço da Praça da Alfândega.

Para analisar as fronteiras de convivência e o aspecto relacional empreendidas pelos indivíduos nesse espaço deve-se ter uma preocupação específica quanto às referências de poderes simbólicos expressos nas relações sócio-espaciais .

Esse aspecto surge com grande importância nesta análise, pois inúmeras dessas fronteiras de convivências estabelecidas convergem expressivamente de maneira simbólica, conjugadas com uma lógica de identificação social que muitas vezes torna-se um elemento conflitante facilmente perceptível na escala deste lugar.

Sobre a questão do simbólico Bordieu (2001, p.10) afirma que, “os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social”. Símbolos, os quais, que não podem deixar de ser analisados no estudo dos agregados sociais da Praça da Alfândega.

De acordo com Campos (2002, p. 37), “As formas de expressão de poder dizem respeito ao controle sobre o acesso a áreas específicas,

sobre as relações, sobre comportamentos; essas relações de poder podem se dar nos mais diversos níveis, apresentando ou não sinais concretamente estabelecidos no espaço”.

A questão sobre a perspectiva do multiculturalismo pode certamente ser percebido no espaço público como manifestações das sociedades contemporâneas. Piccini (2003,p.3) ressalta que

“isso leva também a recolocar a questão das identidades individuais e coletivas, porque se a identidade dos grupos, por diversas que sejam suas origens, depende do dispositivo espacial que os funda e os reúne, as novas configurações urbanas e os dispositivos de comunicação planetária, ao questionar a estabilidade do território, colocam, por sua vez, novos problemas relativos a uma idéia e a um sentimento de comunidade e pertencimento

A partir disso podem-se levar em conta diversos aspectos como a questão do gênero, da subjetividade, da identidade, da ética, da estética entre outros aspectos relevantes.

Assim sendo, essas considerações denotam a complexidade do espaço urbano contemporâneo que conferem profundas e rápidas transformações na sociedade.

Nessa ótica Laitano (2001, p.256) citando Maffesoli chama a atenção sobre as áreas metropolitanas atuais, as quais se colocam frente às “novas formas elaboradas hoje em dia”, que sendo visíveis ou subterrâneas, apontam para uma multiplicidade do eu e a uma

emergência do sentimento coletivo, construindo-se uma sociabilidade empática a qual vai se apresentar por meio de um mosaico de sentimentos, emoções e formas simbólicas.

Com a criação de uma atmosfera e de um *feeling* próprios aos grupos, configura-se as chamadas comunidades emocionais, cujas grandes características são “o aspecto efêmero, a ‘composição cambiante’, a inscrição local, ‘a ausência de uma organização’ e a estrutura cotidiana”.

“A emoção partilhada”, conforme Laitano (2001, p.256), resulta na “constituição de um laço social num estar-junto comunitário”, com partilha de um território configuram-se em conjuntos sociais que perpassam pela solidariedade presente na vida cotidiana das cidades contemporâneas. Portanto os agregados sociais presentes neste espaço público convergem numa fonte inesgotável de análises que serão abordadas a seguir.

#### **4.2 O cotidiano da Praça da Alfândega: O espaço da convivência e da diferença**

Para trabalhar com questões do cotidiano e convivência no espaço público da praça da Alfândega deve-se levar em consideração algumas questões em relação ao aspecto da socialidade e conseqüentemente sobre as formas de territorializações estabelecidas neste lugar específico.

A convivência neste espaço conforme verificado nesta pesquisa através das entrevistas realizadas com os agregados sociais da Praça da Alfândega constatou-se uma lógica de apropriação espacial diferenciada de acordo com os interesses desses agregados.

Neste caráter da convivência pode-se notar que há uma manifestação clara por parte dos idosos que utilizam este espaço como um possível lugar da fuga da solidão. E isto é muito presente na fala dos mesmos como relata um dos idosos entrevistado em um dos bancos da praça. Assim fala ele:

“Aqui eu me sinto bem, não fico sozinho em casa. Falo com meus amigos de banco sobre muitas coisas. Política, a violência e não pode faltar o futebol, embora meu time não anda muito bem nas tabelas. Além disso olhar as moçoilas que passam por aí. Tem cada uma de tirar o chapéu.”

Neste relato pode-se destacar que a Praça da Alfândega tornou-se o ponto de encontro convergindo em uma forma de socialidade, revelada como uma alternativa à solidão.

A menção da palavra “*banco*” como um elemento identificatório e simbólico que é revelada na fala deste idoso. Entende-se como a união entre as subjetividades constituída na relação entre sujeitos sendo ela marcada pelo aspecto comunicacional e onde o objeto concreto que marca este encontro, ou seja, o *banco* extrapola o significado de apenas um objeto inanimado tornando-se referência para uma prática social.



**Figura 19:** idosos conversando em um dos bancos da Praça da Alfândega: A praça como um espaço do estar-junto à toa.  
**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

Numa outra percepção pode-se observar na figura 19 flagrada no trabalho fotográfico de campo (mencionado anteriormente na metodologia), onde se nota os dois idosos conversando sentados a um banco da Praça da Alfândega. O que se pode destacar como relevante é o fato que durante a execução da pesquisa inúmeras vezes os mesmos foram observados no mesmo local, ocupando inclusive o mesmo banco. A idéia que Maffesoli traz que é, justamente, o de *estar-junto à toa* é refletida claramente nesta foto. Maffesoli (1987, p.115) afirma que a “comunicação, ao mesmo tempo , verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si.”

A idéia de socialidade e da interação do indivíduo com o *outro* também é palco de estudo de Edgar Morin (2003,p.78) no qual relata que

“os sujeitos se auto-organizam em interação com os outros sujeitos. Assim o sujeito estrutura-se pela mediação dos outros sujeitos antes mesmos de conhece-lo de fato”.

A convivência humana é marcada pela interação social conformada a partir da interdependência social, marcada pela experiência coletiva. Essa experiência denota-se por meio de significados que são revelados no estudo do cotidiano dos agregados sociais neste espaço urbano.

De acordo com Rocha e Eckert (2005, p.92), “ a cidade é, sem dúvida, um repositório de excedente de sentidos, e, em seus territórios, os sujeitos vivem cotidianamente estratégias de realidade, de opções de consumo, de escolhas de interação (...)”.

No caso específico da Praça da Alfândega, nesse aspecto analisado, a necessidade da *convivência humana* pode ser claramente percebida nos idosos pesquisados. Onde todos afirmaram que utilizam esse espaço para o contato com o próximo. A interação social , pode aqui, ser entendida como a forma com que os indivíduos se relacionam mediadas pela comunicação, nesse caso a fala, é marcadamente a motivação pelos quais esses agregados sociais territorializam-se na Praça da Alfândega.

A superposição das experiências afetivas marcadas por esses agregados sociais estabelecidos na Praça da Alfândega, muitos deles são

ritualizados e enraizados no sentido de fazerem deste espaço palco das principais práticas da vida social destes indivíduos.

Esta idéia funda a Praça da Alfândega, também, como um lugar da diferença. Ou seja, da apresentação de diversas formas, códigos, comportamentos, trajetos, papéis sociais que estão compreendidos e facilmente perceptíveis nesse espaço.

Nesse sentido, essa polissemia muitas vezes não é bem aceita por alguns agregados sociais que lá se territorializam, como pode se perceber na fala de um idoso que frequenta há vinte anos a Praça da Alfândega:

“Aqui já foi lugar ‘direito’ hoje tem de tudo... drogas, mulheres da vida, vagabundos(...) uma ‘cambada’ de desocupados, chega uma hora da tarde que temos que ir embora pois aqui só tem bandidagem, principalmente na sexta-feira (...) eu respeito eles. Eles que não me respeitam. Principalmente aquelas lá (se referindo as prostitutas).”

Ainda nessa abordagem um outro idoso entrevistado contaria o relato anterior afirmando sobre a praça o seguinte:

“Aqui todos se entendem, cada um na sua. A praça é de todos. Não adianta reclamar. Quem não tá de acordo é que vá embora. Todos precisamos desse lugar para viver”.

Nestes dois diálogos percebe-se as divergências de idéias entre os dois entrevistados. No primeiro o estranhamento perante a diferença e o modo de vida apresentado. No segundo a acomodação social, ou seja, a aceitação da diferença e dos papéis sociais emergentes nesse espaço.

Mas como se dá essa relação ambivalente da aceitação ou renegação do sujeito?

Haesbaert (1999, p.173) afirma que as relações implicadas no espaço, a convivência espacial que decorre da territorialidade se estabelece por meio da “identidade” numa “relação de semelhança ou de igualdade”. Essa conformação pode ser entendida em um contexto espacial como uma lógica do pertencimento compartilhado, onde o indivíduo se sente identificado com o lugar e aceita o partilhamento desse espaço representado pela diferença.

No mesmo contexto Costa (2002, p.69) ressalta,

“Mesmo sendo uma busca individual, a identidade se dá por um processo relacional. Muitas vezes a pessoa procura experiências relacionais que não são precisas e, pelas relações afetivas que mantém, começa a entrar em contato com uma diversidade de meios sociais e elege as que lhe dão mais prazer e realizam alguns de seus interesses.”

Essas relações se constituem por meio das relações afetivas que são conformadas no espaço a partir do estabelecimento de comportamentos diferenciados, revelados a partir de uma série de regras criadas pelos agregados que denotam fronteiras de convivências verificadas em partes do espaço.

Pode-se afirmar que essas fronteiras de convivências refletem em um processo de segregação espacial por parte de alguns agregados.

Portanto a diferença, que como foi mencionado, é marcada pelos aspectos comportamentais e estéticos refletem em “uma imaginação da vida pública na qual as pessoas se comportam e controlam seu comportamento somente por meio de retraimento, conciliação e apaziguamento” (Sennet, 1998,p.55). Tem-se assim a perspectiva que os aspectos marcados pela convivência relacional dinamizam ou são motrizes das territorializações estabelecidas em um determinado espaço.

Esse *jogo* nas relações interpessoais no cotidiano que nos pode remeter ao que Michel de Certeau (1994) chama das “astúcias de caçadores” ou “astúcias milenares” desempenhadas no convívio em sociedade. Para Maffesoli (2004, p.95-96) “o indivíduo é a causa e efeito da lógica da identidade” e essa identificação se dá a partir do desempenho dos papéis em conjunto com outros indivíduos.

Essa função dos papéis sociais é importante na análise de espaços públicos, principalmente quando estes estão nas grandes cidades metropolitanas, como é o caso da Praça da Alfândega.

Como se refere Bauman (2004,p.135)

“viver na cidade é sabidamente uma experiência ambígua. A cidade atrai e repele, mas, para tornar a situação de seus habitantes ainda mais complexa, são os mesmos aspectos da vida que de modo intermitente ou simultâneo, atraem e repelem(...)”

Além dos idosos que utilizam a Praça da Alfândega com o intuito do *estar-junto* outros agregados também dispõem deste espaço para este fim. Estes agregados são os jogadores de dama e dominós que já são elementos visíveis quase que obrigatórios para quem passa pela Praça da Alfândega.

Geralmente formados por aposentados, moradores de rua e desempregados, os jogadores de damas e dominós utilizam cotidianamente este espaço para a ludicidade e também para a prática do convívio com outros indivíduos que lá se estabelecem com a mesma finalidade. Como se pode perceber na figura 20:



**Figura 20:** Jogadores de dama. - Pode-se perceber que estes jogadores utilizam peças de damas originais e não improvisadas como os demais, e até um cronômetro para as partidas.

**Fonte:** Luciano Fernandes e Andrio Barbosa.

Ao entrevistá-los ao longo desta pesquisa nota-se claramente uma relação de vínculo espacial muito forte com a Praça da Alfândega, como se pode verificar nas seguintes falas dos jogadores que freqüentam diariamente este espaço.

“O tempo aqui passa voando (...). Freqüento estas mesas há oito anos. Este lugar é onde encontro meus companheiros de jogo. Eles estão todos os dias aqui, menos quando está chovendo. Ficamos até a noite (...) até não ver mais as pecinhas do tabuleiro”.



**Figura 21:** Jogadores de dominó na Praça da Alfândega. - Pode se perceber o predomínio dos idosos nas mesas de jogo da praça.

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

“No *dameado* me dou bem. Estou aqui todos os dias. (...) Aqui somos aposentados, mas, tem alguns desempregados e um pessoal que trabalha por aqui perto. Todo mundo é *irmão* um ajuda o outro. E essa amizade se criou aqui, mesmo, nas mesas(...)”

No que se refere a estes vínculos Heidrich (2001, p.77-78) afirma que:

“A condição humana de estar no espaço pressupõe ter acesso a um lugar, relacionar-se, realizar a transformação e ter a consciência disto. Assim, se levarmos em consideração as mais amplas referências das integrações sociais, tais vínculos podem ser apreendidos, fundamentalmente, por meio de três expressões: apropriação, valorização e consciência.”

Neste sentido, com base no mesmo autor, pode-se remeter que as questões da apropriação espaciais entendidas pelas territorializações conformam-se na lógica dos vínculos de afinidade, sobrevivência e/ou de experiências fazem de determinados lugares espaços da convivência social demarcadas pelo sentimento de pertencimento e de identificação definidas a partir dos agrupamentos sociais, chamadas nesta dissertação pelo conceito de agregados sociais.

Para fazer uma síntese dos dois agregados sociais analisados nesta seção deste capítulo pode-se melhor elucidar a questão dos vínculos de pertencimento e laços de afetividades estabelecidos na Praça da Alfândega a partir do quadro explicativo organizado a seguir:

**Tabela 01 : Agregados sociais: Vínculos Afetivos e Espaciais – Idosos e Jogadores**

<b>Agregados Sociais</b>	<b>Vínculos</b>	
	<b>Afetivos e Identitários</b>	<b>Espaciais</b>
<i>Idosos</i> <sup>16</sup>	forte	forte
<i>Jogadores</i>	forte	forte

**Fonte: Autor**

#### **4.3 O cotidiano da Praça da Alfândega: Espaço da sobrevivência material**

Entende-se como espaço da sobrevivência material como os espaços onde se os seres humanos utilizam na busca por um salário vital como se refere David Harvey na obra intitulada Espaços de Esperanças (2004). Ou seja, onde os indivíduos a partir de práticas sociais se

---

<sup>16</sup> Refere-se a idosos os agregados que utilizam o espaço da Praça da Alfândega para práticas cotidianas vinculadas ao estar-junto, ou seja ao convívio social interligado pelo aspecto comunicacional, geralmente estabelecidos nos bancos da praça.

apropriam de parcelas do espaço - os *microterritórios* – com o intuito de providenciar as condições para a sobrevivência no que se refere ao consumo de bens como alimentação e vestuário, etc.

A Praça da Alfândega conforma-se nesses espaços de sobrevivência citado, onde se nota uma infinidade de práticas de trabalho basicamente *informal* que visam a garantia do sustento do indivíduo. Essa realidade pode ser verificada a partir de um relato a seguir do vendedor ambulante (ver foto 23):

“Aqui é o meu ‘ganha pão’. É um cafezinho aqui e ali, um doce, um ‘refri’ e eu vou pegando meu dinheiro, esse lugar é muito importante pra mim, aqui eu tenho, também, meus amigos e meus fregueses de sempre.”

Convém destacar que nas grandes metrópoles cresce consideravelmente o denominado setor informal<sup>17</sup> da economia que podem ser representados pelas práticas como a dos vendedores ambulantes, artesãos, profissionais do sexo, artistas de rua, etc.

Nas três figuras a seguir pode-se perceber algumas formas de trabalho informal apresentados no cotidiano da Praça da Alfândega: um artista de rua (foto 22) que se estabelece de forma fixa em frente à rua dos Andradas que pinta seus quadros com motivos da cultura gaúcha e

---

<sup>17</sup> Paulo César Gomes (2002, p.177) define mercado informal como “ramo de atividade que foge do controle do Estado e, portanto de legislação vigente.”

retratos, um vendedor ambulante (foto 23) de variedades comestíveis (água, refrigerantes, doces e salgados) e um artista de rua (foto 24) que perambula pela praça usando uma fantasia de palhaço e vende por um real (ou qualquer contribuição) adereços feitos de balões.

Todos essas formas de trabalho convergem em práticas sociais estabelecidas nesse espaço com o intuito obter recursos financeiros para sobrevivência material. Esses *fragmentos* do cotidiano desses agregados podem ser verificados em algumas fotos a seguir:



**Figura 22:** Artista de rua. – Nesta foto procurou-se buscar um pouco do dia-a-dia de trabalho deste artista, que muito se “orgulha” de suas obras, que conforme ele vende para várias lojas do estado.

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.



**Figura 23 :** Vendedor Ambulante. – Trabalha no local há décadas, seus principais clientes são os jogadores de damas e dominós e os engraxates.

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.



**Figura 24:** Artista de rua. – Trabalha eventualmente no local, utilizando como estratégia de venda a abordagem para oferecer seu trabalho. Enquanto fazíamos nosso trabalho fotográfico fomos abordados por ele.

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

O que vale ressaltar que muitas dessas práticas são estabelecidas em espaços públicos, como praças, parques, ruas, calçadas, entre outros. O que pode estabelecer um certo conflito entre o interesse privado e o público nesses espaços comuns.

Cabe ressaltar que muitas vezes o Estado não cumpre seu papel regulamentador desses espaços públicos o que promove a apropriação irregular em prol dos interesses particulares que distorcem a idéia originária desse espaço, que seria o bem comum ou livre acesso a todos indivíduos.

Paulo César Gomes (2002, p. 177) afirma que “o livre acesso pressupõe a não-exclusividade de ninguém ou de nenhum uso diferente daqueles que são os de interesse comum”, mas na realidade as grandes metrópoles brasileiras conformam-se em um processo que este autor chama de “recuo da cidadania<sup>18</sup>”, que são percebidas no cotidiano dessas cidades que vão desde a apropriação de calçadas por camelôs, aos guardadores de carros nas ruas e até mesmo nos territórios nitidamente demarcado utilizados para a prática da criminalidade.

Neste contexto pode-se afirmar que as metrópoles modernas como Porto Alegre conforme Haesbaert (2002, p.93) favorecem uma

---

<sup>18</sup> Paulo César Gomes (2002, 174-175) define o “recuo da cidadania” como um recuo do projeto de social e espacial que conforme ele está num processo de ‘encolhimento’ onde a natureza da cidade muda em sua forma e sentidos, ou seja, convergem nas redefinições do projeto civilizatório.

“grande diferenciação no tecido urbano, que cria espaços singulares, e da distribuição desigual dos equipamentos e serviços, e para além desta configuração física, há uma complexa rede de relações entre grupos que traçam laços de identidade com o espaço que ocupam, criam formas de apropriação e lutam pela ocupação e garantia de seus territórios.”

A Praça da Alfândega converge nesses espaços singulares apontados por Haesbaert, no que se diz respeito às práticas sociais que ocupam e/ou utilizam este espaço visando à sobrevivência material do indivíduo.

Neste contexto, pode-se registrar a atuação de vários agregados sociais como: Os engraxates, vendedores ambulantes, as prostitutas, os artistas de rua e artesãos.

Com base nas observações e entrevistas realizadas no espaço da Praça da Alfândega com estes agregados percebeu-se que grande parte dos vendedores ambulante mantém uma certa “clientela” na praça o que de certa maneira conforma em um espaço preferencial de circulação nesse local. Esse fato não é observado, por exemplo, com os artistas de rua que variam seus espaços ao longo do dia e movimento.

**Tabela 02 : Agregados sociais: Vínculos Afetivos e Espaciais – Artesãos, Artistas de Rua e Vendedores Ambulantes**

<b>Agregado Social</b>	<b>Vínculos</b>	
	<b>Afetivos e Identitários</b>	<b>Espaciais</b>
<i>Artesãos</i>	fraco	forte
<i>Artistas de Rua</i>	fraco	fraco
<i>Vendedores Ambulantes</i>	forte	forte

**Fonte: Autor**

Quanto aos artesãos que se encontram na praça, mantém, em sua maioria, seus *postos de trabalho* continuamente na Praça da Alfândega e o redor da praça como é o caso dos artesãos que possuem estandes credenciados e autorizados pela prefeitura de Porto Alegre<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Esses estandes credenciados participam da Feira de Artesanato da Alfândega que ocorre de segunda à sexta das 9 horas até as 18 horas e é composta por 78 expositores e fiscalizado pela SMIC (Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio).

Na constituição desta investigação, por questões metodológicas, deram-se ênfases a alguns agregados sociais em detrimento a outros, que serão tratados separadamente nesta dissertação, como é o caso as prostitutas e dos engraxates.

#### 4.3.1 Os engraxates da Praça da Alfândega

“Era a Praça dos engraxates - a cadeira de braços, o chapelão de sol abrigando o freguês, a pomada embaciando o verniz do borzeguim, as escovas incansáveis fazendo chiar os calos (...)”

(Damasceno, 1940, p.28)



**Figura 25:** Engraxate da Praça da Alfândega. - Fotografado em outubro de 2005, pode se reparar que o relato de Athos Damasceno de 1940 traduz uma realidade ainda vivida no cotidiano deste lugar.

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

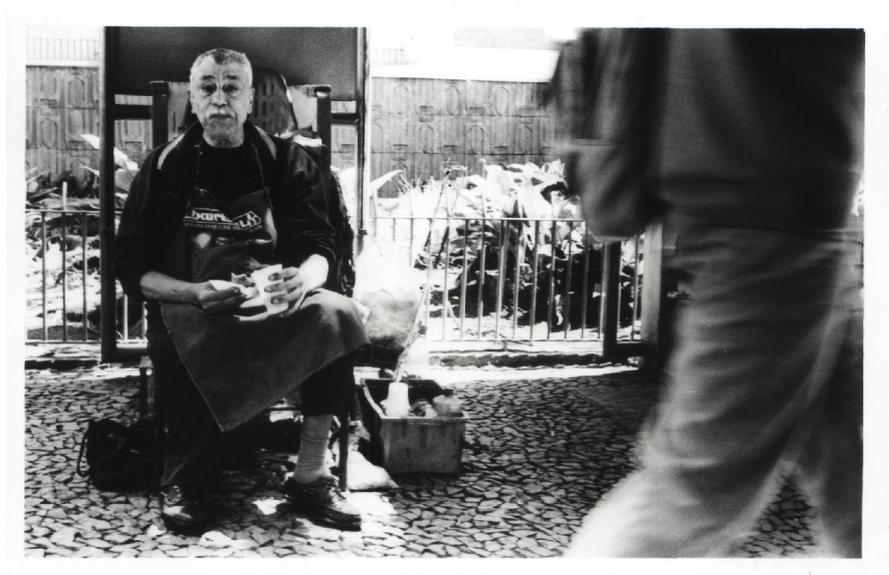
Os engraxates da Praça da Alfândega podem ser vistos como um dos elementos quase que obrigatório da paisagem este espaço .

Encontrados nas duas extremidades da praça utilizam deste lugar para sua sobrevivência, como já foi ressaltado anteriormente, o que David Harvey (2004) denomina de “a luta por um salário vital” .

Esses engraxates ocupam a Praça da Alfândega há mais de cinquenta anos, sendo este lugar optado originalmente, justamente pelo aspecto da sociabilidade masculina que freqüentavam os cafés do centro da cidade até meados do século passado. Como já mencionado o chamado *footing* da Rua da Praia *exigia* dos freqüentadores do centro da cidade estarem bem arrumados e seus sapatos devidamente engraxados.

Atualmente o cenário é outro, a maioria dos clientes dos engraxates são pessoas que trabalham no centro de Porto Alegre, principalmente nos escritórios e comércios do local, assim como os funcionários da Assembléia Legislativa e do Judiciário do Estado – para alguns entrevistados os clientes preferenciais.

Localizados em sistemas fixos montados na praça cujo patrocínio dos toldos é disponibilizados pelo banco Banrisul (Banco do Estado do Rio Grande do Sul) como podemos perceber na figura 26. Apropriam-se de parcelas do espaço da praça no aguardo de seus clientes, de vez em quando, abordando avidamente os transeuntes que estão com sapatos passíveis de *uma graxa*.



**Figura 26:** Antigo engraxate da Praça da Alfândega em seu breve horário de lanche: *“Entre um sapato e outro”*.

**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

Quanto ao aspecto da sociabilidade e das práticas cotidianas que transformam este espaço pode-se perceber variações de percepções entre os engraxates que constituem este agregado social. Dentre estas divergências de pontos de vistas pode-se ser destacar como parâmetro dois relatos selecionados de dois engraxates do local.

“Trabalho aqui dez anos e não tenho amizades(...). É difícil. Não gosto da cadeira e não sou dono dela. Faço meu trabalho, ganho meus trocos e só. Apenas convivo com os clientes e mais nada<sup>20</sup>.”

---

<sup>20</sup> O entrevistado não quis que o nome dele fosse mencionado na pesquisa.

“Estou aqui já faz vinte dois anos, já vi de tudo aqui (...) a Praça da Alfândega para mim, é o meu sustento, minha alimentação, é luz, energia, é vida. Eu preciso dela e eu acho que ela precisa de mim. Aqui eu gosto de todo mundo. Me dou com todos <sup>21</sup>.”

Nestes relatos notam-se duas visões diferenciadas de um mesmo espaço. O primeiro denota-se um olhar de estranhamento do espaço e da socialidade. Nem o apego com o espaço existe. Mencionando estritamente como um espaço onde apenas ocorrem as práticas que garantem o sustento do mesmo.

Este relato remete ao conceito de *topofobia* (Costa apud Relph, 2002, p.70-71) “desenvolvidos por Bachelard e Yi-Fu-Tuan” onde o espaço conforma-se como espaço de convivência onde se mantiveram “sensações ruins” de convívio social. Isto resulta no estabelecimento de fronteiras de convivências relacionais que marcam as territorializações.

No segundo relato percebe-se uma afetividade com o espaço em questão e com a sociabilidade inerentes às práticas desenvolvidas pelo seu trabalho.

A sociabilidade e a não-sociabilidade empreendidas pelos engraxates entrevistados trás à tona a idéia proposta por Maffesoli (1987, p.121-122) da chamada “socialidade eletiva” onde os indivíduos ou

---

<sup>21</sup> O engraxate identificou-se como Getúlio .

grupos escolhem através de “processos de atração e repulsão a forma essencial de uma sociedade”.

Esta realidade é verificada por intermédio de entrevistas realizadas com diversos outros engraxates o que deflagra claramente a fragmentação deste agregado onde apesar de compartilharem do espaço da Praça da Alfândega e territorializados em determinados setores da praça não estabelecem relações de afinidades entre eles e nem de pertencimento a um grupo peculiar. Muito pelo contrário nota-se um claro caráter concorrencial entre os engraxates, como se pode perceber em outro relato:

“Tem um pessoal aí que rouba cliente dos outros, fazendo preço mais camarada. Aqui, meu caro, é cada um por si e Deus olha todos.”

Estas constatações sobre os engraxates da Praça da Alfândega reforçam o conceito de agregado social <sup>22</sup> proposto como elemento conceitual chave desta dissertação. A maneira como esses agregados agem em seu cotidiano remetem a idéia da “condensação instantânea” no qual menciona Maffesoli (1987, p. 107-108) onde por meio de

---

<sup>22</sup> Muito embora os engraxates da Praça da Alfândega possuam uma associação própria que cuida dos interesses destes trabalhadores. Esse fato nos remete a idéia que Morin (2003, p.169-197) propõe onde afirma que o ser humano é ao mesmo tempo egocêntrico e comunitário. *Egocêntrico* por conta da competição das rivalidades e diferenças e *comunitário* quando há interesses comuns no quadro social. Este antagonismo é chamado pelo autor de “*fitting* (ajuste mútuo) e *matching* (rivalidade, concorrência)”.

sucessivas ambiências remetem em momentos de frágeis relações e de práticas sociais que resultam numa superficialidade da socialidade.

Esta superficialidade das relações sociais citadas por Maffesoli também é ressaltada por Bauman (2004, p.133) onde conforme este autor,

“A polifonia e a diversificação cultural do ambiente urbano na era da globalização entram em cena – com a probabilidade de se intensificarem no curso do tempo – as tensões oriundas da exasperante / confusa / irritante estranheza desse cenário provavelmente continuarão a estimular impulsos segregacionistas.”

Neste estudo dos engraxates da Praça da Alfândega constatou-se duas realidades distintas: a dos indivíduos que fazem do seu espaço um ambiente onde se desenvolvem práticas sociais de sobrevivência mas com vínculos afetivos com os outros agregados e a outra perspectiva observada são as dos indivíduos que fazem desse espaço apenas como um lugar das práticas espaciais que garantem sua sobrevivência material.

Esse processo do estranhamento marca profundamente o convívio desses agregados nesse espaço, visto que na maioria dos casos o outro é visto como um concorrente dos nichos de subsistência.

Esta realidade converge nesse processo de negação do sujeito enquanto participante e/ou pertencente de um grupo, assim, fortalecendo o aspecto do individualismo.

**Tabela 03 : Agregado social: Vínculos Afetivos e Espaciais – Engraxates**

<b>Agregado Social</b>	<b>Vínculos</b>	
	<b>Afetivos e Identitários</b>	<b>Espaciais</b>
<i>Engraxates</i>	em parte <sup>23</sup>	forte

**Fonte: Autor**

---

<sup>23</sup> Esta classificação “em parte” deve-se basicamente ao fato de que os engraxates da praça da Alfândega apresentam um forte caráter identificatório entre eles. Muito embora, quanto aos vínculos afetivos não houve consenso neste agregado, em virtude das variadas respostas dadas durante as entrevistas realizadas.

### 4.3.2 As prostitutas da Praça da Alfândega

“A Igreja diz: O corpo é uma culpa.  
A Ciência diz: O corpo é uma máquina.  
A publicidade diz: O corpo é um negócio.  
O corpo diz: Eu sou uma festa.”

Eduardo Galeano

Embora a proposta da dissertação não seja analisar a prostituição e/ ou a sexualidade no seu sentido estrito convém dizer que esse tema é muito apropriado para o estudo dos distintos padrões culturais das sociedades contemporâneas e que convergem imediatamente aos aspectos comportamentais singulares observáveis na sociedade. E portanto servem de referências para a análise de uma série práticas sociais que resultam na composição de espaços como o da Praça da Alfândega.

As prostitutas da Praça da Alfândega, mais do que qualquer outro agregado social, denota uma proeminente dimensão simbólico-cultural que resultam na construção da territorialidade da prostituição neste espaço.

Estas territorializações são constituídas por intermédio de uma identificação clara das mulheres que constituem este agregado específico estabelecidas a partir dos seus "espaços vividos", como demonstra Félix Guattari e Rolnik (2000, p.323). Para ele,

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

No contexto da prostituição feminina em áreas públicas <sup>23</sup> nota-se a presença de um intenso caráter simbólico que a caracteriza, ou seja, “uma convenção tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários através dos códigos de linguagem e do comportamento”. (Mayol,1996,p.46)

Nesse sentido no caso da Praça da Alfândega as mulheres que vivem da atividade da prostituição tem como prerrogativa básica apresentarem- se nesse espaço social no *papel* <sup>24</sup> de prostituta, ou seja, essa atividade, não deve ser de caráter velado pois as prostitutas

---

<sup>23</sup> Modalidade de prostituição que esta dissertação analisa. Embora se saiba que há uma intensa prática da prostituição homossexual masculina, que ocorre principalmente nos banheiros da Praça da Alfândega. Conforme Costa (2003 p.19) esta ocorre de forma oculta e em espaços pouco agradáveis devido ao “sentimento de culpa que atinge psicicamente os homossexuais, principalmente os de classe baixa, obriga-os a segregarem-se em guetos ou territorializações pontuais, escondidas e desvinculadas de suas vidas como profissionais, filhos, amigos e, até mesmo, pais de família”.

<sup>24</sup> Richard Sennett (1998, p.138-139) afirma que nas sociedades modernas os indivíduos se apresentam por meio de diversos papéis e que o torna um ator. isso favorece a convivência e os laços sociais. “Sua identidade se baseia em fazer expressão como um trabalho de apresentação”.

necessitam dessa publicidade, quando se refere à prostituição em locais públicos <sup>25</sup>, ou seja elas precisam ser *vistas* pelos prováveis clientes.

Este fato pode ser verificado no relato de uma prostituta entrevistada:

“Estamos aqui pra *fazer programa* não adianta a gente se esconder. Se a gente se esconde *eles* <sup>26</sup> não nos vêem. E aí não vem o dinheiro para nosso sustento(...).” <sup>27</sup>

Questionada se havia algum preconceito quanto à prática da prostituição naquele espaço, respondeu:

“Muitas pessoas olham com cara feia, trabalho há oito anos aqui, mas antes era pior. Hoje as pessoas aceitam melhor nossa profissão. Só os *crentes* que ainda xingam a gente. No mais nos entendemos e nos defendemos”.

Uma outra entrevistada mencionou sobre o convívio com os outros agregados e entre elas mesmas da seguinte maneira:

“Eu me dou bem com todos aqui. Os engraxates a maioria são meus amigos. Os velhinhos, alguns não gostam muito, mas outros até conversam com a gente. (...) Os jogadores vários são nossos fregueses também(...). Entre nós (as prostitutas) às vezes rolam uns atritos devido a concorrência e ao lugar que nós ocupamos. Mas

---

<sup>25</sup> Diferentemente da prostituição em domínios privados (boates, saunas, a domicilio ,etc) que usam outras formas de publicidade como por exemplos anúncios de jornais.

<sup>26</sup> Referindo-se aos clientes.

<sup>27</sup> A entrevistada preferiu não se identificar.

geralmente a gente chega a um entendimento. Mas já vi cada briga feia “.

“Os limites? Tem umas meninas que têm seus pontos definidos, mas não obrigatório. E outras não. Ficam circulando e abordando alguns homens que passam. Mas têm umas que precisam ficar nos seus pontos de *batalha*<sup>28</sup>, principalmente as que trabalham com gigolôs<sup>29</sup>. Assim *elas* (os *gigolôs*) podem cuidar delas.”

Em relação aos conflitos de territorialidades entre os agregados sociais que freqüentam espaço da Praça da Alfândega Cláudia Fonseca<sup>30</sup> (2005, p.261), revela que “existiam regras para manter as atividades ilícitas da praça – droga, briga, roubo, e até rivalidades acirradas – dentro dos limites; senão, a prostituição não seria tão facilmente tolerada pelos integrantes das camadas médias que freqüentavam o centro urbano (...)”

O *espaço prostitucional* da Praça da Alfândega constitui-se também em um espaço do convívio social entre as prostitutas, principalmente no que se refere a prática da prostituição estabelecidas pelas profissionais do sexo idosas que fazem desse espaço um lugar da convivência entre elas.

---

<sup>28</sup> Batalha é a designação dada para atividade da prostituição.

<sup>29</sup> É comum na Praça da Alfândega o próprio marido ou companheiro da prostituta assumir o papel de “gigolô” da mesma.

<sup>30</sup> Cláudia Fonseca é uma pesquisadora sobre o universo da prostituição e nesse artigo relata sua experiência em um trabalho realizado em meados da década de 1990 em Porto Alegre.

A praça torna-se um espaço de representatividade social desta mulheres. Isso é possível verificar no relato de Cláudia Fonseca (2005, p.260),

“Enquanto os michês se camuflavam entre engraxates, artesão e aposentados, virtualmente todas as mulheres ali sentadas ou paradas estavam lá para ‘fazer programa’ (...). A maioria das mulheres da Praça também eram mães (ou avós), mulheres vaidosas e vendedoras dos mais variados produtos. Ainda mais: nesse ambiente de sociabilidade feminina, era difícil ver chegar uma mulher cuja vida não fosse conhecida e comentada nas fofocas do grupo.”

Pode-se perceber que este agregado social em sua territorialização no espaço público da Praça da Alfândega utiliza este local sobretudo para a garantia de um salário vital que garanta sua sobrevivência material, mas também, é marcadamente verificado que a praça é um local da convivência entre elas e entre os demais agregados que compõem o cotidiano desse espaço.

Sendo assim, repercutindo significativamente nas práticas sociais (vínculos identitários e afetivos) e espaciais (vínculo com o lugar vivido) estabelecidas na Praça da Alfândega. como pode ser notado no seguinte quadro explicativo:

**Tabela 04 : Agregados sociais: Vínculos Afetivos e Espaciais - Prostitutas**

<b>Agregado Social</b>	<b>Vínculos</b>	
	<b>Afetivos e Identitários</b>	<b>Espaciais</b>
<i>Prostitutas</i>	forte	forte

**Fonte: Autor**

Na investigação do cotidiano desse agregado social que se estabelece neste complexo espaço no centro de uma grande metrópole, deparou-se, inevitavelmente, com a realidade vivenciada pelas profissionais do sexo na Praça da Alfândega.

E para compreender esta realidade torna-se imprescindível mencionar que o universo da prostituição na Praça da Alfândega é marcado, também, por um forte caráter simbólico inerente a prática desta atividade.

Este carácter simbólico, que converge conseqüentemente ao aspecto da identidade social <sup>31</sup>, emerge principalmente na expressão estética (roupas e maquiagens) e vocabulário próprio utilizado principalmente entre elas.

Essa identidade social está pautada justamente, pela necessidade da publicidade, ou seja, da exposição da prática da prostituição ao meio social (neste caso a Praça da Alfândega) que ela se encontra inserida.

---

<sup>31</sup> A identidade social de acordo com João de Pina Cabral (2003, p.3-4) e aquela assumida pelo indivíduo e que remete à prática social podendo ela ser oposta à identidade individual. Esta identidade social é construída a partir da memória interligada pelo o aspecto da “diferenciação/identidade”.



**Figura 27:** Prostituição na Praça da Alfândega: “Mulheres na praça”. - Intitulei essa fotografia com este nome, justamente pela presença da figura da mulher prostituta sentada <sup>32</sup> aos pés do símbolo feminino do monumento que representa a República.  
**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

---

<sup>32</sup> Embora a prostituta não se importasse de mostrar o rosto na fotografia, foi resolvido esconder seu rosto.



**Figura 28:** Espaço da prostituição. - Esta fotografia foi tirada em outubro de 2005 em meio à montagem da tradicional Feira do Livro de Porto Alegre. Nota-se em primeiro plano a figura da prostituta e em segundo plano os estandes da feira.  
**Fonte:** Luciano Pedroso e Andrio Barbosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal intuito deste estudo consiste em abordar os aspectos relacionados com o estudo do cotidiano de uma praça: A Praça da Alfândega, importante espaço público, localizado no coração da grande metrópole brasileira: Porto Alegre.

A Praça da Alfândega, o espaço escolhido para a investigação, atendeu aos pressupostos deste trabalho, pois a mesma configura-se em um lugar onde se consegue perceber claramente as práticas sociais bem territorializadas e muitas vezes singulares, empenhadas pelos agregados sociais analisados por essa dissertação.

Sendo assim, por meio do estudo do cotidiano da Praça da Alfândega, percebe-se neste espaço um *lócus* de análise de uma série de fenômenos inerentes aos espaços sociais urbanos como a

territorialização, as questões identitárias e simbólicas, aspectos sobre a cidadania e espaço público, entre outros. Aspectos, os quais essa dissertação tem o propósito de investigar.

Para isso, a proposta dessa investigação pauta-se na abordagem do cotidiano dos agregados sociais desta praça, com a intenção de verificar estes fenômenos sócio-espaciais intrínsecos às práticas por eles estabelecidas.

Estas práticas espaciais e sociais que a pesquisa se preocupa foram analisadas com base na metodologia proposta compondo, assim as análises apreendidas principalmente no quarto capítulo deste trabalho, ou seja, no estudo dos agregados sociais da Praça da Alfândega.

Convém mencionar que as ciências humanas, assim como a Geografia há muito tempo vem se preocupando com o estudo dos fenômenos urbanos e suas repercussões espaciais e sociais. Entendendo que a cidade é um espaço em constante processo de formação e transformação.

Autores, geógrafos ou não, como por exemplo Milton Santos, Paulo César Gomes, Sandra Jatahy Pesavento, Michel Maffesoli, David Harvey entre outros, dedicaram inúmeras obras sobre essa temática. E portanto compuseram o corpo metodológico e teórico desta investigação.

Cabe ressaltar que o foco desta dissertação é, justamente, o cotidiano por isso autores como Michel Maffesoli e Michel de Certeau,

tiveram um enfoque especial, principalmente no que se diz respeito ao estudo dos agregados sociais da Praça da Alfândega.

O estudo do cotidiano em uma praça na grande cidade nos remete a uma investigação da multiplicidade de fenômenos sociais que se estabelecem por uma rede de socialidade em territorialidades descontínuas. Por isso a escolha da metodologia apropriada foi de extrema relevância. Onde a fotografia e a entrevista social tiveram um papel significativo no desvendamento das práticas sociais dos agregados da Praça da Alfândega.

Com relação aos agregados cabe reafirmar que os mesmo retratam uma condição contemporânea presente nos grandes centros urbanos onde os processos sociais na maioria das vezes são estabelecidos de formas superficiais empreendidas por meio de uma *rede de conexões*, cuja duração é definido pela efemeridade.

A partir das constatações verificadas com este estudo percebe-se que a Praça da Alfândega é um mosaico de inúmeras representações sociais de variados e diferenciados códigos que marcam esse espaço público.

Então se pode entender a Praça da Alfândega como um espaço onde convergem interesses divergentes entre os agregados sociais analisados. Notando, para fim de investigação esses interesses foram classificados nessa pesquisa da seguinte maneira: o espaço como a

necessidade da convivência (socialidade e afetividade) e o espaço como necessário à sobrevivência (subsistência material). E a partir disso, não apenas se trouxe à tona aspectos sobre a convivência e a identificação das pessoas nesta praça, mas também, a maneira com que muitas pessoas lutam para sobreviver e garantir seu salário vital no contexto das sociedades urbanas contemporâneas.

Com base neste olhar sobre a cidade não se deve deixar de salientar que a cidade é um local privilegiado para o estudo do cotidiano em virtude da variada gama de *modos de vida* e representações simbólicas que se percebem nos espaços urbanos.

O espaço vivido urbano é repleto de significados, histórias, imagens, etc. Onde, toda essa polissemia presente no cotidiano metropolitano torna-se passível a análise de uma série de conjunturas verificadas nesse espaço. E justamente nessa dimensão poliocular que a Geografia tem muito a contribuir no estudo da cotidianidade.

Sendo assim o estudo do cotidiano dos agregados sociais que lá convivem, é também, a análise dos projetos de vida empreendidas no tempo-espaço desta praça. E são expressos pelas capacidades transformadoras e criadoras que os agregados sociais possuem e que visam basicamente a sobrevivência material e afetiva desses indivíduos.

Convivência, na qual, é assinalada por uma série de aspectos que se remetem às questões da indiferença e da rejeição que produzem ou

como se refere De Certeau “inventam” o cotidiano dos indivíduos que ambientam este espaço social metropolitano, chamado de Praça da Alfândega.

Portanto, como referido, pode-se afirmar que esta praça é um importante espaço social da cidade de Porto Alegre, onde se espacializam práticas sociais, que muito embora, percebam-se como fragmentadas e efêmeras, mas são representações e/ou expressões importantes e interdependentes que resultam na produção deste espaço complexo e somente podem ser verificadas no estudo da experiência cotidiana dos agregados sociais da Praça da Alfândega.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo:Ática, 1988.

BENTANCUR, Paulo. **A feira do livro de Porto Alegre: 40 anos de história**. Porto Alegre: Câmara Rio-grandense do Livro, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed.,2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRUM, Eliane Cristina. **Nostalgia na Praça da Alfândega**. *Zero Hora*, Porto Alegre, 06-03-1989. p.35.

CABRAL, João de Pina. **Identidades inseridas: algumas divagações sobre identidade, emoção e moralidade**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, junho de 2003. Disponível em <[www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2003/WP2-2003.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2003/WP2-2003.pdf)> Acesso em 12/03/2006.

CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAMPOS, Heleniza Ávila. **Refletindo sobre o papel das representações nas territorialidades urbanas: o exemplo da área central do Recife**. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 11, p.35-50, 2002.

CANEVACCI, M. Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CONKLIN, Harold C. **La antropologia como ciencia**. Barcelona: Anagrama, 1988.

COSTA, Benhur Pinós da. **Territorializações: ações de agregados sociais**. *Caesura*, Canoas, n. 21, p.67-71, jul/dez, 2002.

COSTA, Benhur Pinós da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. In: Dimensões históricas da relação entre espaço e cultura - Reunião Internacional da Comissão de Geografia Cultura. Anais em CD-ROM, Rio de Janeiro, 2003.

ESTEVES, João Pissara. **Espaço público e democracia: comunicação, processo de sentido e identidade social**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imagens sentimentais da cidade**. Porto Alegre: Globo, 1940.

FONSECA, Cláudia. **A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais**. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (orgs). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1998.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GODOLPHIM, Nuno. **A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identificação: a rede gaúcha no nordeste**. Niterói: EDUF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

HEIDRICH, A. L. ; CARVALHO, Orlando Albani de . **Territorialidades de exclusão e inclusão social: relações da sociedade com o espaço em situações de pobreza e de construção de vida econômica e de consciência**. In: VIII Encuentro de Geógrafos de America Latina, 2001, Santiago: Universidad de Chile, 2001. v. 1. p. 74-80.

LAITANO, Gisele Santos. **Os Territórios, os Lugares e a Subjetividade: construindo a geograficidade pela escrita no movimento hip hop, no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS**. Porto Alegre, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, UFRGS, 2001.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos; o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. São Paulo: Record, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Espaços de sociabilidade e memória: fragmentos da “vida pública” porto-alegrense entre os anos de 1890-1930**. Porto Alegre: PUC-RS. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-

RS,1994.

MAYOL, Pierre. **Morar**. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs.). **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MESQUITA, Zilá. **Cotidiano ou quotidiano?** In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (orgs). **Territórios do cotidiano**. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul: Ed. Da Universidade/ Edunisc,1995.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 4: as idéias**.3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática,2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PICCINI, Mabel. **Sobre a comunicação nas grandes cidades**. *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, Vol IX, nº 2, Outubro, 2003, pp. 01- 19.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

PRAÇA da Alfândega volta no tempo. **Correio do Povo**, 2007, 16 de janeiro, p.7.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho de; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ROSSI, Ino; O'HIGGINS, Edward. **Teorías de la cultura y métodos antropológicos**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1981.

RUSCHEL, Nilo. **Rua da praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971.

SACK, Robert. **The human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Eros, 1987.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 03 Feb 2007.

THUMS, Jorge. **Acesso à realidade: técnicas de pesquisa e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. Porto Alegre: Globo, 1978.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **A pesquisa etnográfica como construção discursiva**. *Acta Scientiarum*, Maringá, 23(1):27-32, 2001. Disponível em [www.ppg.uem.br/Docs/ctf/Humanas/2001/04\\_215\\_00\\_Vera%20Helena\\_A%20pesquisa.pdf](http://www.ppg.uem.br/Docs/ctf/Humanas/2001/04_215_00_Vera%20Helena_A%20pesquisa.pdf). Acesso em 12/05/2006.

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO Nº 01:</b> Localização da Praça da Alfândega Em Porto Alegre .....	127
<b>ANEXO Nº 02:</b> Modelo da Entrevista - Agregado Social: Prostituta .....	128
<b>ANEXO Nº 03:</b> Modelo da Entrevista - Agregado Social: Engraxates .....	129
<b>ANEXO Nº 04:</b> Modelo da Entrevista - Agregado Social: Jogadores de Dama e Dominó .....	130
<b>ANEXO Nº 05:</b> Modelo da Entrevista - Agregado Social: Idosos .....	131
<b>ANEXO Nº 06:</b> Modelo da Entrevista - Agregado Social: Artesãos e Artistas De Rua .....	132
<b>ANEXO Nº 07:</b> Modelo da Entrevista - Agregado Social: Vendedores Ambulantes .....	133
<b>ANEXO Nº 08:</b> Planta de Porto Alegre do Ano de 1772 .....	134

**ANEXO Nº 01 : LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA DA ALFÂNDEGA EM  
PORTO ALEGRE**



**Localização da Praça da Alfândega em Porto Alegre**

Fonte: <http://maplink.uol.com.br/mapa.asp> - Acessado em 04/02/2007

**ANEXO Nº 02 : MODELO DA ENTREVISTA - AGREGADO SOCIAL:  
PROSTITUTA**

*Entrevista - Agregado Social: Prostituta*

1. Faz quanto tempo que trabalhas nesse local?
2. O que representa o espaço da Praça da Alfândega para você?
3. Como é a sua convivência com as outras pessoas da praça?
4. Como é a sua convivência com as outras profissionais do sexo na praça?
5. Existe concorrência entre as profissionais do sexo na Praça da Alfândega?
6. Há demarcação de território ? Como é demarcado o território na praça?
7. Existe algum preconceito em relação atividade da prostituição na praça?

**ANEXO Nº 03 : MODELO DA ENTREVISTA - AGREGADO SOCIAL:  
ENGRAXATES**

*Entrevista - Agregado Social: Engraxates*

1. Faz quanto tempo que trabalhas nesse local?
2. O que representa o espaço da Praça da Alfândega para você?
3. Como é a sua convivência com as outras pessoas da praça?
4. Como é a sua convivência com os outros engraxates na praça?
5. Existe concorrência entre os engraxates na Praça da Alfândega?
6. Como são definidos os “boxes” de atendimento dos engraxates aqui na praça?
7. Com relação à criminalidade aqui na praça o que pode ser mencionado?
8. Durante o tempo que trabalhas na praça o que mudou nesse local?

**ANEXO Nº 04 : MODELO DA ENTREVISTA - AGREGADO SOCIAL:  
JOGADORES DE DAMA E DOMINÓ**

*Entrevista - Agregado Social: Jogadores de dama e dominó*

1. Faz quanto tempo que freqüenta esse local?
2. O que representa o espaço da Praça da Alfândega para você?
3. Como é a sua convivência com as outras pessoas da praça?
4. Como é a sua convivência com os outros jogadores na praça?
5. Quantas horas do dia participas dos jogos aqui na praça?
6. Tem alguma profissão ? Exerce?
7. Com relação à criminalidade aqui na praça o que pode ser mencionado?

**ANEXO Nº 05 : MODELO DA ENTREVISTA - AGREGADO SOCIAL:  
IDOSOS**

*Entrevista - Agregado Social: Idosos*

1. Faz quanto tempo que costuma freqüentar esse local?
2. O que representa o espaço da Praça da Alfândega para você?
3. Como é a sua convivência com as outras pessoas da praça?
4. Como é a sua convivência com os outros idosos aqui na praça?
5. Quantas horas do dia costuma freqüentar a praça?
6. Como é sua vida aqui na praça?
7. Quais seriam os aspectos positivos e negativos com relação á vida aqui na Praça da Alfândega?

**ANEXO Nº 06 : MODELO DA ENTREVISTA - AGREGADO SOCIAL:  
ARTESÃOS E ARTISTAS DE RUA**

*Entrevista - Agregado Social: Artesãos e Artistas de rua*

1. Faz quanto tempo que trabalhas nesse local?
2. O que representa o espaço da Praça da Alfândega para você?
3. Como é a sua convivência com as outras pessoas da praça?
4. Como é a sua convivência com os outros artesãos ou artistas aqui na praça?
5. Existe concorrência entre os artesãos ou artistas de rua na Praça da Alfândega?
6. Como são definidos os *boxes fixos* dos artesãos aqui na praça ?  
(Essa questão é destinada somente aos artesãos com os *boxes fixos*)

**ANEXO Nº 07 : MODELO DA ENTREVISTA - AGREGADO SOCIAL:  
VENDEDORES AMBULANTES**

*Entrevista - Agregado Social: Vendedores Ambulantes*

1. Faz quanto tempo que trabalhas nesse local?
2. Você só trabalha aqui na Praça da Alfândega?
3. O que representa o espaço da Praça da Alfândega para você?
4. Como é a sua convivência com as outras pessoas da praça?
5. Como é a sua convivência com os outros vendedores aqui na praça?
6. Há muita concorrência entre os vendedores ambulantes?

